

Linguagem reforça a desigualdade racial e o preconceito no país

Pesquisadores explicam por que é importante abolir do vocabulário expressões racistas que muitas vezes remetem ao processo de escravização da população negra. [Páginas 5 e 6](#)

Foto: Divulgação



Talentos que se revelam nas salas da escola pública

Modelo da rede estadual valoriza o protagonismo jovem e cria o ambiente ideal para estudantes como Felipe Batista (foto) desenvolverem suas habilidades. [Página 7](#)

Almanaque

Foto: Acervo cacique Ednaldo Tabajara



Identidade Conheça a tradição da pintura corporal, preservada há gerações pelos indígenas paraibanos. [Página 13](#)

Entrevista

Foto: Evandro Pereira



Entrevista Secretário Efraim Morais revela as ações da PB para proteger a agropecuária em meio à pandemia. [Página 4](#)

Esportes

Foto: FIVB/Divulgação



Olimpíadas de Tóquio Paraibano Álvaro Filho é a grande promessa do Brasil no vôlei de praia. [Página 12](#)

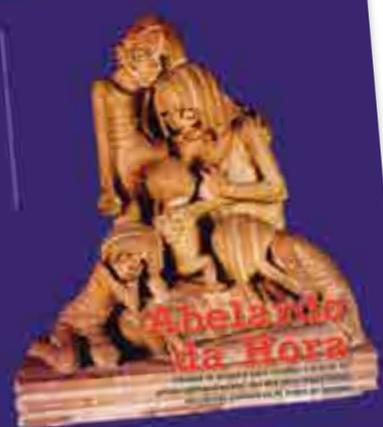
Paraíba GIRO NOS MUNICÍPIOS

Foto: Divulgação/Prefeitura de Esperança



Terra do Padre Zé Coutinho, município de Esperança carrega uma forte tradição religiosa que atrai turistas e movimenta a economia. [Página 8](#)

Correio das Artes



A magia das formas
Suplemento Correio das Artes circula neste domingo e destaca os preparativos do Estado da Paraíba para receber o acervo de um dos maiores escultores brasileiros da história, o pernambucano Abelardo da Hora

Editorial

Prospectiva

O ano começou com muita expectativa, para os brasileiros, no que diz respeito à vacinação contra o coronavírus, cujo início ainda oscila entre janeiro e fevereiro. O assunto é abordado, diariamente, pelos meios de comunicação, e discutido exaustivamente nas redes sociais, gerando uma massa de informação que ajuda, mas também atrapalha, devido a certas manipulações. Portanto, é preciso estar atento, para beber das melhores fontes informativas.

É sabido que a vacinação não ocorrerá de uma só vez, ou seja, por meio de uma campanha nacional curta e maciça. Não há, por enquanto, fartura deste precioso produto, tanto no mercado local como no exterior. É grande a disputa entre as nações. De certo, haverá escalonamentos, ou fases de imunização, com os idosos, portadores de comorbidades e profissionais da saúde, por exemplo, figurando entre as primeiras levas de recebedores do antídoto.

Iniciada a vacinação, os cuidados sanitários devem ter continuidade, no que se refere à covid-19, incorporando as novas orientações que, certamente, serão anunciadas pelas autoridades da área de saúde. Muitas pessoas, hoje, relutam em usar máscaras, e quando a campanha começar, será fácil, para elas, usar o antídoto, mesmo que não o tenham tomado, como justificativa para sair de casa sem necessidade e sem equipamentos de proteção.

Imagina-se que a vacinação será acompanhada, como sublinhou-se acima, com novas informações acerca da pandemia. Da mesma forma que acontece hoje, o sucesso da imunização vai depender do cumprimento, pela população, das recomendações expedidas pelo setor médico, como também das regras de comportamento social estabelecidas pelo poder público. A desobediência civil, neste caso, representa, na verdade, um grande risco.

Que a vacina chegue logo, seja eficaz e debele a pandemia, restabelecendo a normalidade possível, para que as pessoas possam tocar suas vidas com sossego e alegria. Que a economia atinja altas temperaturas, os trabalhadores tenham emprego e renda, os estudantes retornem às escolas, os hospitais, com o coronavírus vencido, sejam paulatinamente esvaziados, e as pessoas, em todos os quadrantes do país, queiram e possam, enfim, se abraçarem.

Artigo

Rui Leitão

iurleitao@hotmail.com | Colaborador

A cidade natal

Firmei poucos vínculos com a cidade que se fez o berço de minha existência. Saí de lá com seis meses de idade. Portanto, não me foi permitida a oportunidade de vivenciar suas características urbanas e conviver mais proximamente com seu povo. Conheço Patos assim como qualquer pessoa estranha. Nas minhas viagens pelo interior paraibano, no entanto, quando de passagem por lá, costumo prestar minha homenagem ao solo em que me fiz mais um paraibano no mundo.

Essa separação em tenra idade não diminui o amor que nutro por minha terra natal. Algo forte estimula esse sentimento de bem querer à terra em que nasci. Não só a circunstância de ser a cidade que me viu nascer, mas o fato de que minha família materna lá viveu durante todas suas vidas. Em Patos está parte de minhas raízes.

Além da conterraneidade com minha mãe, está a relação genealógica da família Cesar, que fez lá sua moradia. Meu sobrenome foi oficializado, talvez por erro do escrivão, com "z", mas o termo correto da família escreve-se com "s". Todos os que se agrupavam por linha de parentesco consanguíneo com minha mãe, ali fizeram suas histórias de vida. Guardo de lá longínquas lembranças da "bodega" do meu bisavô, Chico Bolandeira, que, na verdade, foi quem criou

minha mãe, que ficou órfã logo que nasceu.

Falo de minha cidade natal com orgulho. Vejo com indistigável alegria a pujança do seu povo, castigado pelas intempéries climáticas da região sertaneja, mas corajoso e destemido no enfrentamento das adversidades tornando aquela comuna numa das mais prósperas cidades do interior nordestino. Gosto de dizer que nasci lá. Procuo me identificar com esse espírito voluntarioso de seu povo, me servindo de alimento animador para a luta diária da vida. Pisar no seu chão me provoca sentimentos de incontida emoção.

Procuo me identificar com esse espírito voluntarioso de seu povo, me servindo de alimento animador para a luta diária da vida. Pisar no seu chão me provoca sentimentos de incontida emoção.

Conhecida como a "morada do sol", Patos se faz brilhante por sua própria natureza. Lá onde o sol brilha mais forte, a luminosidade incandescente parece oferecer mais energia aos seus habitantes,

numa demonstração firme de que naquela terra ninguém se abate com os desfavores do clima. Pelo contrário, isso dá encorajamento para superar dificuldades, na força obstinada pelo trabalho em benefício do seu desenvolvimento social e econômico.

Quis o destino que os passos de construção de minha vida fossem dados longe de minha cidade natal. Entretanto, mesmo à distância, tenho por ela um carinho especial e me sinto envaidecido ao proclamar a condição de "patoense".

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Paraíba monumental

Sem muito esforço de expressão podemos dizer que a Paraíba é um estado-museu, tal é a sua participação na realização da História do Brasil. Temos, talvez, a peça mais antiga, qual sejam as pedras pintadas do Ingá, mais conhecidas como as Itacoatiaras - tradução de "ita" (pedra), coati (pintada), e "ara", sufixo coletivo, como lhe chamavam os tupis, sem saber sua pré-história. Quem sabia um pouco dela era Léon Clerot e José Elias, ambos falecidos, e Balduino Lélis, alquebrado pelas intempéries (quando decidirem tomar conta dele, quiçá seja tarde. O museólogo Balduino está vivo porque tem muito de pedra, sobrevivendo sem emprego, sem plano de saúde e sem saúde).

Foi ele quem reformou o Zoo Botânico Arruda Câmara (o padre paraibano mentor da Confederação do Equador), a popular Bica, nosso bosque urbano, como urbana é a Mata de Buraquinho. E urbano é o bosque da capital, bosque de Jomar Souto, que tombou o bosque da capital no seu poema do Itinerário Lírico - que ainda não faz parte do nosso currículo escolar.

Além das preciosas pedras do Ingá, também temos as pedras da Fortaleza de Santa Catarina, o monumento mais oriental das Américas.

Além das preciosas pedras do Ingá, também temos as pedras da Fortaleza de Santa Catarina, o monumento mais oriental das Américas, ali em Cabedelo! Sim, das Américas, assim no plural. Numa esquina da Rua General Osório ficava a Biblioteca Pública que trasladaram para o subterrâneo do Espaço Cultural, onde mora como uma catacumba, encolhida e recolhida. E vossa excelência lembre-se do Cabo Branco, o ponto mais oriental das Américas, antes que a erosão do mar o devore.

É a província toda que se faz monumental. De Santa Catarina, estendamos o vôo para a igreja convento de Santo Antônio - São Francisco, já transformada em museu sacro - escola, com seu adro acústico único no mundo. Ah, e a Igreja de São Bento e sua rara varanda,

fazendo coro à do São Francisco. Registe-se também o casario antigo que ainda não ruiu, mas está pra cair quando o sino bater mais forte. A balastrada das Trincheiras é outro monumento, com suas mansões à retaguarda e a fábrica ociosa em risco de ser demolida. Você conhece a Igreja da Graça, no terreno da fábrica de cimento? Ilhada pelo mangue está a velha fábrica de cimento - que imita Balduino, desmanchando pedra.

Alguns monumentos foram demolidos, como o velho prédio que albergou este jornal na Praça dos Três Poderes (outra a ser tombada), que abrigou, também, a igreja contígua a Palácio. Na Praça 1817 derribaram outra, assim como em Tambiá e estão a fazer na Praia do Poço. É longo o hagiológico dos iconoclastas.

Há monumentos que devem ser preservados como exemplo de como não devem ser feitos monumentos, a exemplo da Basílica Metropolitana, onde fui batizado pelo diácono Epaminondas, mais tarde bispo do lugar. E o Cemitério Senhor da Boa Sentença, que recebeu a visita e o óbolo do

Imperador Pedro II! O teto do Instituto Histórico, instituição cultural mais antiga da Paraíba, à qual pertencem, está ameaçando cair - e seu presidente, médico Guilherme Gomes da Silveira D'Ávila Lins, não tem recursos para restaurar o prédio, que necessita, ainda de um elevador, pois seus sócios veteranos não têm mais preparo físico para vencer a escadaria.

Campina Grande, apesar de ser jovem, tem sua história de homens e de pedras, com a cadeia em que ficou Frei Caneca, e a estação dos trens que iam buscar seu algodão. Cadê o revólver do advogado João Dantas? Os prédios do Porto do Capim estão esperando socorro. O Porto do Capim, o Instituto Histórico, estão como Balduino, esses muitos monumentos estão a perigo, em vias de tombar.

Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor

Vale a pena ver de novo



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferroira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

Banco de Leite é esperança para crianças prematuras

Com mais de 30 anos de existência, unidade realiza ações para manter as doações e incentivar o aleitamento materno

Nilber Lucena
Especial para A União

O Banco de Leite Humano Anita Cabral, em João Pessoa, que integra a Rede Estadual de Saúde da Paraíba, atende diariamente bebês prematuros das unidades hospitalares públicas e privadas da Grande João Pessoa e também as mães que encontram dificuldades para amamentar seus filhos, para isso o serviço conta com a doação de outras mães. Além do ato de solidariedade, as mães doadoras recebem também assistência para os seus filhos. São mais de trinta anos de assistência prestada às mães paraibanas.

Laura Fernandes, coordenadora de ações estratégicas e nutricionista no Banco de Leite Humano Anita Cabral, comentou que com a chegada do fim de ano é sempre observada uma baixa no número de doações. "Festas, fim de ano, férias, o pessoal acaba perdendo um pouco da rotina de doação de leite, então nosso volume de coleta de recebimento de leite fica baixo e a gente sempre tem a demanda da prematuridade. E também depois da covid, a gente teve esse aumento das interrupções de gestação por conta de dificuldades relacionadas à covid. Então, a demanda da gente é sempre muito alta, na época de final de ano exacerba ainda mais e a gente fica precisando ainda mais da mobilização em torno das doações."

Criado em 1987, o banco de leite é um serviço responsável pelo incentivo e garantia ao aleitamento materno aos bebês que nascem prematuros, medida que garante, entre outras coisas, uma melhor qualidade de vida.

A coordenadora de ações estratégicas destacou também a importância do serviço. "É extremamente importante, a estratégia banco de leite humano é uma estratégia consolidada como algo que foi decisivo para

a mortalidade infantil no Brasil e no mundo também, nós temos uma tecnologia que exportamos para outros países, uma tecnologia brasileira. É de grande importância porque a sobrevivência e a qualidade de vida dos bebês, principalmente dos bebês prematuros, depende dessas doações de leite materno."

Além do ato de solidariedade, de empatia e de amor com o próximo, as mães que são doadoras de leite materno recebem assistência para os seus filhos. "Ela tem direito ao serviço de pediatria e ao serviço especializado em amamentação com uma equipe multidisciplinar que conta com pediatra, fono, nutrição e enfermagem. Então ela ganha esse acompanhamento para o bebê dela e ela só precisa ter o trabalho de tirar o leite, armaze-

nar em casa até o momento que a nossa equipe vai passar para recolher esse leite", explicou a coordenadora.

Laura Fernandes comentou sobre o funcionamento do serviço durante o período de festas. "Durante a semana de Natal a gente funcionou só até metade da semana por conta dos feriados e aqui a gente atendeu normalmente no nosso serviço de pediatria e de assistência à amamentação, que nós temos esses serviços. Somos um ambulatório especializado em amamentação, a coleta que a gente costuma ter, não teve."

As mães interessadas em realizar a doação devem entrar em contato com o Banco de Leite e agendar a coleta. O serviço funciona de segunda a sexta-feira, das 8h às 16h.



Foto: Marcos Russo

Banco de leite adotou uma série de medidas de segurança sanitária e manteve os atendimentos funcionando

+ Coleta de doadoras e atendimento a prematuros garantidos

Apesar dos efeitos causados pela pandemia da covid-19, a equipe do Banco de Leite Anita Cabral não viu sua coleta ser afetada, o trabalho junto às mulheres doadoras e as normas de segurança adotadas fizeram com que as mães sentissem segurança para continuar doando. "Nós tivemos algumas dificuldades relacionadas à pandemia, mas a coleta não foi uma delas, nós temos um trabalho muito próximo das doadoras que é essa vinculação, então a gente mantém essa vinculação e um trabalho de confiança mútua. A gente esperou que as doadoras não fossem querer receber nossa equipe em casa por medo, mas isso não aconteceu porque nós somos muito transparentes nas nossas normas de biossegurança, nós esclarecemos todas as nossas condutas, então as doadoras se sentiram muito confiantes para continuar doando", explicou Laura.

"A demanda é sempre superior à nossa coleta, então a gente está sempre pedindo que mais e mais doadoras venham fazer parte do nosso time de doações. Hoje nós conseguimos suprir cem por cento a demanda dos prematuros, mas não com uma facilidade como a gente gostaria e existe, além dos prematuros, outros bebês que têm indicação de recebimento de leite materno também. Aí esses bebês são os que a gente não consegue suprir cem por cento", comentou.

Laura Fernandes explicou que qualquer mulher pode ser uma doadora de leite materno. "Desde que ela esteja amamentando seu próprio filho e que ela seja uma mulher saudável ela pode doar tranquilamente", comentou.

"Nós temos o serviço de rota domiciliar, que é a coleta de leite domiciliar, basta a doadora entrar em contato. Ela manifesta o inte-

resse de ser doadora e nós fazemos um cadastro e a partir daí é com a gente. Nós toda semana passamos na casa dela com uma equipe, um transporte exclusivo para isso e a gente recolhe", frisou.

A coordenadora de ações estratégicas do banco de leite humano explicou qual o passo a passo que cada mãe que deseja ser doadora deve seguir: "A gente vai fazer um cadastro com ela para fazer parte do nosso sistema e nós disponibilizamos frascos para coleta, nós damos as orientações de como fazer essa coleta com segurança, qualidade e higiene." Para se cadastrar e ser uma doadora as mães devem entrar em contato através do número (83) 9 8609-9194 e enviar uma mensagem via WhatsApp.

Os bebês que nascem prematuros ou com condições clínicas que exigem o recebimento de doação de leite materno, ou ainda as mães

que apresentam dificuldades durante o processo de amamentação dos seus filhos, são assistidos pelo programa Banco de Leite, tanto as crianças que estão em unidades neonatais de hospitais públicos quanto privados. É o que explica Laura Fernandes. "Os bebês que recebem o leite humano eles estão nas unidades neonatais, eles estão nos hospitais, não estão em casa, esses bebês saudáveis se a mãe está tendo dificuldades com relação a amamentação ela não vem aqui pedir leite, ela vem aqui solicitar a nossa ajuda no manejo da amamentação. Nossa equipe multiprofissional vai se dedicar a ajudar nos problemas que ela esteja enfrentando com relação à amamentação. Nosso objetivo assistencial para os bebês saudáveis que estão em casa, com as mães saudáveis, que a gente faça esse bebê sair daqui mamando."

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

'NACIONALISMO DA VACINA': A EXPRESSÃO QUE NEGA O ALTRUÍSMO EM TEMPO DE PANDEMIA

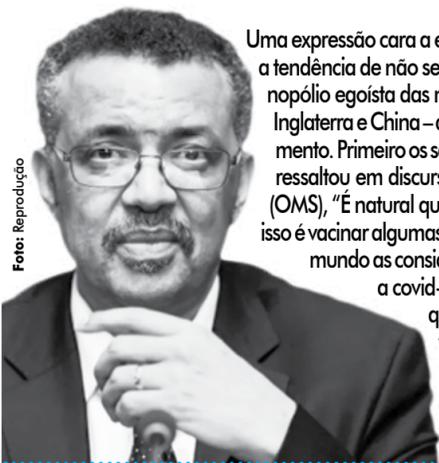


Foto: Reprodução

Uma expressão cara a esse tempo de pandemia, nas mídias, tornou-se a mais completa tradução de algo que tem a tendência de não ser altruísta. Refiro-me ao chamado 'nacionalismo da vacina', que remete à ideia de um monopólio egoísta das nações mais ricas do planeta – entre as quais as já tradicionais nesse ranking: EUA, Rússia, Inglaterra e China – que tende a procrastinar a distribuição dos imunizantes para países pobres ou em desenvolvimento. Primeiro os seus, depois os outros, eis a regra desumanizada que rege àquela atitude. Obviamente, como ressaltou em discurso Tedros Adhanom Ghebreyesus (foto), diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), "É natural que os países queiram proteger seus cidadãos primeiro", porém, "a melhor maneira de fazer isso é vacinar algumas pessoas em todos os países do que todas as pessoas em alguns países". Faz todo sentido do mundo as considerações do dirigente da OMS. Sendo uma doença com alto potencial de transmissibilidade, a covid-19 jamais será eliminada de modo eficiente se não houver uma cooperação internacional que permita uma imunização simultânea – ou perto disso – em nível global. Em outras palavras, pode ser temerário vacinar toda a população de um país e retardar a imunização em outros. A covid-19 não respeita fronteiras. A propósito disso, Tedros Adhanom, para quem "o nacionalismo da vacina vai prolongar a pandemia da covid-19, não encurtá-la", afirmou que "a única maneira de se recuperar mais rapidamente é nos recuperando juntos".

"ESTAMOS NO MESMO BARCO"

A propósito do tema 'nacionalismo da vacina', registre-se trecho da mensagem de Natal – atemporal – do papa Francisco, a tradicional 'Urbi et Orbi' ('Para a cidade e para o mundo'): "Diante de um desafio que não conhece fronteiras, não podemos erguer muros. Todos nós estamos no mesmo barco".

A MAIS IMPACTANTE

"Por mim, tinha sido votada este ano". É o que diz o relator da Reforma Tributária na Câmara Federal, deputado paraibano Aguinaldo Ribeiro (PP), para quem a proposta, entre as reformas, "é a mais estruturante para o país, a mais importante", porque "vai impactar na economia".

OUTRA PRIORIDADE

Quando do retorno dos trabalhos legislativos na Câmara dos Deputados, no próximo fevereiro, o andamento da proposta de Reforma Tributária não deverá ser prioridade na pauta dos parlamentares. Todos estarão envolvidos nas articulações para a eleição da nova Mesa Diretora.

COM MAIS CELERIDADE

Para Aguinaldo Ribeiro, após a eleição da nova Mesa Diretora, a Reforma Tributária deverá ganhar celeridade. "A votação independente de quem irá ganhar a eleição", declarou numa emissora de TV. Cotado para ser candidato do grupo de Rodrigo Maia (DEM), 'abriu' para Baleia Rossi (MDB). Por enquanto, dizem alguns.

ATRÁS DE VOTOS

Nesta próxima semana, os pretensos candidatos a presidente da Câmara, Baleia Rossi (MDB) e Arthur Lira (PP), iniciam périplo pelos estados para conseguir apoios às suas candidaturas. O segundo, inclusive, já escolheu a região Norte como início de sua jornada. Ambos deverão desembarcar na Paraíba, até a segunda quinzena de janeiro.

ELEIÇÃO NA CÂMARA: DEPUTADOS DECLARAM AS SUAS PREFERÊNCIAS

A escolha do novo presidente da Câmara dos Deputados se dará por voto secreto. Mas alguns parlamentares não se furtam em declarar, por antecipação, em qual candidato pretende votar. Por exemplo, Gervásio Maia (PSB) anunciou, publicamente, apoio a Baleia Rossi, enquanto que Julian Lemos (PSL) tem preferência por Arthur Lira.

Efraim Morais,
Secretário de Estado de Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca

“Vamos colocar a PB no mesmo patamar de outros estados”

Reestruturação da pasta e do impacto da pandemia foram assuntos abordados pelo gestor

Da Redação

Formado em Engenharia Civil pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o secretário Efraim de Araújo Morais nasceu no município de Santa Luzia e já foi deputado estadual, federal e senador, além de ter sido também secretário de Estado da Infraestrutura.

À frente da Secretaria de Estado de Desenvolvimento

da Agropecuária e da Pesca (Sedap), Efraim falou em entrevista ao Jornal A União sobre a reestruturação da pasta iniciada em 2019, passando pelo desafio de gerir, investir e desenvolver um setor fundamental para a economia paraibana durante um ano de pandemia, como ocorreu em 2020, e avançar com metas definidas como a obtenção do selo de Zona Livre da Aftosa.

Efraim Morais frisou que o objetivo é desenvolver cada vez mais a agricultura, a pecuária e a piscicultura paraibanas, da gestão à produção até chegar ao consumidor, fazendo crescer a participação destes setores na economia do estado, criando emprego e renda para quem produz, seja este de porte pequeno, médio ou grande.



Foto: Evandro Pereira

Efraim Morais faz um balanço das ações da Sedap ao longo do ano de 2020

A entrevista

O senhor vem realizando um trabalho de reestruturação da Secretaria de Estado de Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca (Sedap). O que significa e como vem sendo realizado esse trabalho?

■ A Secretaria de Estado de Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca (Sedap) tem na sua estrutura orçamentária programas ordinários como o Programa Estadual de Distribuição de Sementes Certificadas, Cana-semente, Batata-semente; Programa de Realização de Exposições Agropecuárias; Programa de Produção e Distribuição de Alevinos... Iniciamos uma reestruturação pela Defesa Agropecuária, onde o governador autorizou a aquisição de 25 veículos novos e outras providências no sentido de aderirmos ao Sistema Brasileiro de Inspeção de Produtos de Origem Animal (SISB), que é o Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária (Suasa) que tem por objetivo harmonizar e padronizar os procedimentos de inspeção e fiscalização dos produtos de origem animal em todo o país; estamos buscando junto ao Programa Nacional de Erradicação da Febre Aftosa, em parceria com todos os estados do Nordeste, adquirirmos o status de Livre da Febre sem Vacinação (o que é uma prioridade para o Estado da Paraíba); incrementamos os trabalhos na área de captação de recursos externos, a exemplo de R\$ 5.396 milhões, do Ministério da Agricultura, com uma contrapartida por parte do estado de R\$ 284 mil, para a implantação do Programa de Revitalização e Tecnificação da cultura da Palma Forrageira no Estado da Paraíba, tendo como meta a implantação de 338 campos de multiplicação, nos 169 municípios zoneados para o cultivo desta cultura, situados em 13 regiões do estado, beneficiando inicialmente 338 famílias de médios e pequenos produtores, com uma produção estimada de 33,8 milhões de raquetes, para serem distribuídas com outros novos produtores; Podemos citar os recursos também oriundos do Ministério da Agricultura no valor de R\$ 532 mil, sendo R\$ 27 mil, contrapartida do Governo do Estado; por fim,

estamos criando uma Comissão de Gestão do Planejamento, Instalação e Acompanhamento de Projetos e Convênios, que terá como principal atribuição desenvolver mecanismos que promovam a implantação da prática de captação de recursos externos voltada ao atendimento das necessidades específicas à Sedap.

Mesmo diante da crise econômica e de todos os desafios como a covid-19, quais os investimentos feitos no setor da agricultura, pecuária e pesca paraibana em 2020?

■ Obviamente que a pandemia atrapalhou o planejamento do governo como um todo e a Sedap, não poderia ser diferente. No entanto, em conjunto com nossos servidores, temos procurado desenvolver nossas atividades, concluindo os processos licitatórios já realizados para instalação dos equipamentos necessários ao funcionamento dos três mata-douros regionais concluídos pelo Governo do Estado nos municípios de Mari, Solânea e Uiraúna; para aquisição de raquetes de palma forrageira e kits de irrigação, temos realizado os leilões da Empaer, obviamente respeitando todos os protocolos de segurança determinados nos decretos do governador João Azevêdo.

/// A Sedap tem a preocupação de executar as ações programadas, exceto a realização de Exposições Agropecuárias, sem, no entanto, descumprir os decretos de governo quanto aos protocolos de segurança. ///

O setor agropecuário paraibano tem apresentado crescimento, mesmo em momentos de crises econômicas. O senhor poderia citar alguns bons números da produção paraibana?

■ De modo geral, a economia paraibana se baseia no setor de serviços, na agricultura

(principalmente de cana-de-açúcar, abacaxi), na indústria (alimentícia, têxtil, sucroalcooleira), na pecuária (de modo mais relevante, a criação de bovinos, caprinos e ovinos) e no turismo. Quando falamos com foco econômico, obviamente que temos como destaque a cana-de-açúcar onde a estimativa de produção do Estado da Paraíba para a safra 2019/2020 segundo a Conab, foi de 6,72 milhões de toneladas, ocupando o terceiro lugar em relação aos estados do Nordeste e o abacaxi onde o Estado da Paraíba foi o 2º maior produtor do país, em 2019, segundo a Pesquisa Agrícola Municipal (PAM), divulgada pelo IBGE, com 307,1 milhões de frutos produzidos, o estado foi responsável por 18,9% de toda a produção brasileira. No entanto, não podemos esquecer a produção de inhame, mandioca, batata-doce e as culturas de subsistência como feijão e milho que são cultivadas em todo o estado, geralmente de forma associada, bastante tradicional, sem perspectiva de melhores técnicas, uma vez que a instabilidade hídrica muitas vezes não permite expandir sua plantação.

No que se refere aos rebanhos, temos como destaque a bovinocultura com um rebanho oficial de 1.306.838 animais, caprinos 1.065.462 animais e ovinos 1.266.017 animais (dados oficiais da Defesa Agropecuária).

O grande desafio de 2020 para todos foi o enfrentamento da covid-19 e na agropecuária e na pesca certamente a pandemia teve reflexos. Como a pasta vem trabalhando junto aos produtores do estado para manter as ações, a produção e ao mesmo tempo contribuir para evitar o avanço da covid-19?

■ A Sedap tem a preocupação de executar as ações programadas, exceto a realização de Exposições Agropecuárias, sem, no entanto, descumprir os decretos de governo quanto aos protocolos de segurança, inclusive com seus servidores.

A Paraíba já foi o maior produtor de abacaxi do Brasil e disputava com Minas Gerais e Pará o pódio de líderes do fornecimento do fruto no país. Como está atualmente

a cultura do abacaxi paraibana? A produção tem crescido? Quais os desafios?

■ Como falamos anteriormente, segundo dados da Conab, até a safra do ano passado, o Estado da Paraíba é classificado como o segundo maior produtor do país, esperamos que os dados da safra 2020 sejam tão alvissareiros como a safra anterior. Na última safra, ocorreu uma queda na produção de 8,3%, mas em contrapartida, teve um aumento expressivo no valor de produção. Tivemos também uma redução de 7,3% na área cultivada, que se deve muitas vezes a problemas com o crédito, problemas fundiários (arrendamentos), fatores considerados normais dentro do processo produtivo.

Uma das metas já apresentadas pelo senhor à frente da secretaria é fazer com que a Paraíba conquiste em 2022 o status de área livre da febre aftosa. O que já foi feito e o que precisa ser realizado para que o rebanho paraibano atinja esse nível? E qual a importância de ter essa certificação?

■ A Paraíba já é livre de febre aftosa desde 2014, quando a Organização Mundial de Sanidade Animal (OIE), reconheceu o estado como “Livre de Febre Aftosa com Vacinação”. Hoje, de acordo com divisão geográfica feita pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o Estado da Paraíba participa do Programa Nacional de Erradicação da Febre Aftosa (Pnefa), juntamente com os estados de Alagoas, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte. Obviamente que é preciso um esforço conjunto para alcançarmos esse maior objetivo e esse esforço, implica na adoção de diversas ações a serem desenvolvidas em âmbito municipal, estadual e nacional, com o envolvimento do Serviço Veterinário Oficial (SVO), setor privado, produtores rurais e agentes políticos. Quanto à importância de alcançar esse objetivo, temos primei-

/// Vamos continuar ampliando as ações, buscando ampliar a captação de recursos para oferecer mais oportunidades à agropecuária paraibana. ///

ro a diminuição dos custos de produção, pois o produtor não mais vai comprar vacina duas vezes ao ano e, segundo, vamos colocar o Estado da Paraíba no mesmo patamar de outros estados, no que se refere a realizações de eventos agropecuários, comércio de produtos e trânsito animal.

O convívio com a seca é um aspecto permanente no nosso estado. Quais medidas vêm sendo tomadas pela secretaria para apoiar os produtores rurais e minimizar os efeitos da estiagem em plantações e rebanhos paraibanos?

■ Uma das principais ações é a implantação do Programa de Revitalização da Palma Forrageira. Todos sabem o desastre que foi a entrada da Cochonilha do Carmim, disseminou todo o palmar do Estado da Paraíba, comprometendo de forma cruel o suporte forrageiro existente. Embora no último ano já tivemos um inverno satisfatório em diversas regiões do estado, não podemos deixar de lado a preocupação com abastecimento d'água que o governo vem resolvendo gradativamente com adutoras, e abastecimento em comunidades rurais. A Sedap tem o programa de fornecimento de volumoso (gratuito) e proteico (comercializado a preços de custo). Estamos sempre em contato com nossa bancada federal sobre essa questão porque esse problema é muito complexo e, por isso, requer uma ação conjunta de governo envolvendo diversas secretarias, parceria com Brasília (envolvendo Governo Federal e Congresso).

O investimento em piscicultura vem demonstrando uma alternativa econômica viável para muitas famílias. Gostaria que o senhor falasse sobre os projetos nessa área e os resultados já obtidos?

■ A recuperação da Estação de Alevinos, localizada no município de Itaporanga, foi o melhor projeto realizado pela Sedap nessa área, daí, a distribuição nos dois últimos anos, de quatro milhões e seiscentos mil alevinos em 2.536 açudes. Como a capacidade de produção da estação é de cinco milhões de alevinos, esperamos que em 2021 possamos alcançar esses números e atender pelo menos 2 mil açudes.

Trabalho em parceria é sempre importante. Quais parcerias com outros órgãos realizadas pela Secretaria de Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca e que frutos elas têm gerado?

■ A Sedap tem procurado parcerias com todas as instituições do setor produtivo, quais sejam: associações, federações, agentes financeiros, sindicatos, outras secretarias de Estado e tantos outros. Esse trabalho ocasionou melhorias na realização de eventos agropecuários, maior transparência e celeridade ao Programa Estadual de Distribuição de Sementes Certificadas, Cana-semente. Enfim, é com parcerias que temos crescido dentro das atividades da Sedap.

2021 é um ano em que se apresenta ainda difícil e cheio de desafios. Quais as perspectivas no âmbito da secretaria?

■ Esperamos que a questão de pandemia seja resolvida com a chegada da vacina o mais breve possível, e vamos continuar ampliando as ações de governo através dos programas da Sedap, buscando ampliar a captação de recursos externos, em busca de oferecer mais oportunidades à agropecuária paraibana, independentemente da sua classificação, se grande, média ou pequena.



Foto: Agência Brasil



O preconceito racial por trás das palavras

Luta a favor da vida dos negros passa pela exclusão de expressões de origem racista da linguagem cotidiana social

Ana Flávia Nóbrega
anaflaviana@epc.pb.gov.br

Reformular e reformar o pensamento é necessário para, enfim, entrar na rota da reparação histórica com o povo negro no Brasil. Perseguidos desde o período colonial, os negros sofrem, até hoje, com o racismo estrutural em diversas escalas de intensidade. A segregação e superioridade branca colocam o negro à margem da sociedade como o sujo, inferior, mau e o que serve. O lugar de escravo e, conseqüentemente, inferior dado aos negros pelos colonos

brancos reflete em discriminações e é gerador de violência até hoje, séculos depois do fim legal da escravidão.

Reflexo dessa relação é sentida diariamente por milhões de famílias negras todos os dias no Brasil. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020, formulado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os negros representam 74,4% das vítimas da violência letal no Brasil e ainda 79,1% das vítimas de intervenções policiais. O abismo entre índices de violência não param por aqui. Cerca de 75% das crianças

e adolescentes que sofreram violência são negras. Entre as 755.274 pessoas privadas de liberdade, integrantes do sistema prisional em 2019, 66,7% são negros. Nas taxas de feminicídio, cada vez mais crescentes no Brasil, pode-se ver, novamente, a discrepância entre a cor alva e a cor alva, 66,6% das vítimas do crime eram negras.

Além do sangue derramado, o racismo que mata os negros está presente principalmente no modo como são tratados no cotidiano social. Enquanto ainda são julgados pela cor, no mercado de trabalho, negros recebem me-

nos do que brancos; crianças negras são estigmatizadas pela imagem de criminosos antes mesmo de saberem o que é o mundo do crime; e ainda convivem diariamente com o racismo escancarado em expressões consolidadas no dia a dia.

É comum rotularmos, no dicionário de símbolos, expressões e verbetes, tudo que é negativo ou inferior aos negros de forma "natural". "Inveja branca", "denegrir", "mulata", "criado-mudo", "dia de branco", "fazer nas coxas", "a coisa está preta" e outras expressões são carregadas de metáfo-

ras originárias do racismo e ainda não foram extintas da linguagem, bem como a própria prática da discriminação racial.

Para o doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco e professor da Rede Pública Municipal de João Pessoa, Lucian Souza da Silva, a compreensão dessas relações perpassa por todos os aspectos da vida em sociedade no país.

"Para onde nos voltarmos, o fator raça será um elemento definidor de tais relações, seja na política, na economia, na educação, nos afetos e também na linguagem. Essas expressões possuem duas matrizes de origem: a primeira, na escravidão que entendia o negro enquanto mercadoria/propriedade. Muitas dessas expressões surgem nesse contexto. Uma vez encerrada a escravidão, um outro contexto de segregação se instaurou, sob a égide das teorias raciais, em que não se via o negro como mercadoria, mas como biologicamente inferior. É importante dizer que parte da ciência ocidental legitimou tais discursos", relatou o pesquisador.



Expressões remetem à escravidão e reforçam discriminação contra negros

As palavras, carregadas de sentido histórico, impõem relações de superioridade e opressão. O próprio adjetivo "negro" é empregado para designar termos e expressões usadas em tom pejorativo. Em consulta ao dicionário Michaelis da Língua Portuguesa, a palavra tem descrições negativas, entre elas "que está encardido", "que é triste ou lúgubre", "que anuncia infortúnios; nefasto", "que inspira medo ou pavor; tenebroso", "que revela crueldade ou sordidez; perverso", "cor de piche ou do carvão", "aquele que está sujeito a um senhor; escravo", "pessoa que trabalha muito".

Colocado como substantivo masculino, a descrição de pertencimento a um senhor é resultado da exploração dos africanos escravizados pelos portugueses e espanhóis, que consolidaram a

palavra "negro" como um substantivo para escravos. Não é raro se encontrar pessoas que deslegitimam negros que ocupam cargos de destaque em mercados de trabalho, isto porque a essas pessoas sempre se dedica o espaço de inferior e comandado por um branco.

Vivo, o racismo reforça a discriminação racial que mata, violenta e silencia os negros. Essas expressões acabam impactando a saúde mental da população negra. Mayara Monique, psicóloga, mestrande e pesquisadora sobre a saúde da população negra, observa que o uso das expressões e palavras afeta negativamente, principalmente, os negros que conhecem a origem pejorativa.

"Mais pessoas têm o conhecimento desse tipo de termo e do que significa, representa, então,

dentro disso, esses termos reforçam estereótipos raciais e racistas, fazendo com que a pessoa negra se sinta sempre inferior à pessoa branca", explica.

Segundo ela, a pessoa negra que tem o conhecimento de onde essas palavras vêm tem a vida cotidiana muito tocada porque isso desestabiliza emocionalmente. "Você não sabe bem como se colocar e tem situações que, pela rapidez ou por trazerem sensação de possível violência, a gente não consegue se colocar. É muito violenta a forma com que o racismo trabalha no cotidiano da pessoa preta. E é sempre visto como vitimista, como mimimi. E todas essas interações são desgastantes demais para o sujeito. A própria autoestima também é tocada a partir disto", afirmou a pesquisadora.



Foto: Cáritas/Reprodução

Uso cotidiano de palavras racistas interfere na autoestima de pessoas negras

Continua na página 6

▶▶▶ Continuação

Reformular para avançar

Desconstrução do racismo estrutural passa por mudanças no legado linguístico e pela exclusão de palavras e expressões cotidianas

Ana Flávia Nóbrega
anaflaviana@epc.pb.gov.br

O uso de colocações e expressões racistas de forma massificada faz parte do cotidiano até mesmo de pessoas, brancas ou não, que tentam construir uma sociedade menos racista. Devendo-se isso à herança linguística que normatiza esse uso. O que significa que nem todas as pessoas que as utilizam sejam racistas. Mas todas elas devem buscar uma sociedade que não propague, por mais gerações, essa herança.

Por isso, a necessidade de reformulação do legado linguístico excluindo o uso dos termos do dia a dia. O trabalho de conscientização, porém, só pode ocorrer a partir do momento em que os verdadeiros significados do dito se apresentem e que as pessoas brancas reconheçam o seu lugar de privilégio nestas relações.

“As pessoas brancas precisam entender o lugar que elas têm de privilégio dentro da sociedade. É preciso que se entenda isso para que comecem a agir de maneira favorável nessa luta. Fala-se muito nessa luta, mas nós não somos iguais. Somos todos diferentes e, por isso, precisamos de equidade. Os brancos podem ajudar corrigindo [o uso dos termos], debatendo, fortalecendo as pessoas pretas e explicando para outras pessoas brancas o que os termos significam e impactam na vida das pessoas negras”, avaliou Mayara Monique.

É importante lembrar ainda que o racismo não é um problema exclusivo das pes-

soas negras. São elas que sofrem as consequências cruéis desse preconceito, mas o racismo é um problema criado, disseminado e fortalecido por pessoas brancas. Por isso, é preciso que estes sujeitos também estejam engajados na luta antirracista diária, como aponta o historiador Lucian Souza da Silva.

Lugar de fala

“As pessoas brancas precisam, em primeiro lugar, reconhecer seu lugar de branquitude em todos os aspectos de sua vida social. Uma vez tendo ciência desse lugar de privilégio, é necessário empreender uma ação cotidiana para que haja uma desconstrução antirracista permanente, de si, do ambiente familiar, profissional etc. Contudo, não podemos esquecer que o lugar de fala sobre o tema cabe às pessoas negras. Isso significa dizer que são as pessoas negras as legítimas na identificação das situações racistas e são elas também que precisam ter visibilidade, seja na mídia ou no ambiente acadêmico, para tratar do assunto”, lembrou o pesquisador.

Nem todas as pessoas que utilizam palavras e expressões racistas são, necessariamente, racistas; mas elas precisam ter consciência da necessidade de exclusão desses termos



Pesquisadora Mayara Monique: brancos precisam reconhecer privilégios



Lugar de fala cabe às pessoas negras, ressalta o historiador Lucian Souza

Fotos: Divulgação

Retire o racismo do seu vocabulário

■ Denegrir

Utilizada rotineiramente para descrever situações de difamação, a palavra tem, em sua origem, o significado de “tornar negro”, diminuir o valor e inserir uma carga de maldade.

■ Mulata/o

Celebrando a miscigenação, o povo brasileiro usa o termo para referir-se a mulheres que representam aspectos estéticos da “mistura” entre pretos e brancos; denotar mestiçagem. Na realidade, remete para mula que, biologicamente, é o filhote do cruzamento de cavalo com jumenta ou jumento com égua, representando uma hierarquia racial, inclusive no mundo animal.

■ Morena/o

Também utilizado para caracterizar principalmente mulheres, o termo é usado para negar a negritude a partir do momento em que se exalta o “clareamento”.

■ Criado-mudo

Nome relativo ao móvel de pequenas proporções colocado no quarto das pessoas, com função de aparar objetos das pessoas no momento em que vão descansar. O termo faz referência à tarefa de negros escravizados que serviam nas residências de seus senhores brancos. Em silêncio absoluto, estes negros seguravam objetos e pertences, serviam água, sem descanso, também eram obrigados, muitas vezes, a nem se movimentarem.

■ Doméstica

Usado para nomear e descrever pessoas que prestam serviços de natureza contínua no ambiente residencial de pessoas e famílias. O termo é a forma que os negros, tratados como animais selvagens, passavam por processos corretivos para serem domesticados, tornar-se digno do ambiente do lar dos senhores brancos.

■ Cor de pele

Comumente presente nas caixas de lápis de cor, a tonalidade bege é resumida em “cor de pele”, excluindo a diversidade de

tons de pele. A partir deste ponto de vista, tudo que não for bege, não é cor de pele. O que não se aplica.

■ Inveja branca

Caracteriza a inveja boa, se opõe a inveja ruim que é o lugar dado a “inveja negra”.

■ Dia de branco

Referente ao bom dia de trabalho, produtivo. Herança do período colonial em que os negros eram tidos como “vagabundos”, fazendo “corpo mole” mesmo que, na realidade, sejam os que mais trabalham.

■ Trabalho negro e serviço de preto

Têm-se a ideia de trabalho sujo, associado a algo ruim, negativo e ilícito. Já a segunda expressão é usada para descrever as atividades as quais, historicamente, o negro está sujeito. A exemplo de profissões que servem aos outros e que não possuem possibilidade de ascensão. E ainda coisas feitas distantes da “perfeição”.

■ Estampa étnica

Reflete a visão eurocêntrica que rotula estampas com desenhos inspirados no continente africano como que é exótico.

■ Fazer nas coxas

Remete a algo mal feito, precário, sem capricho e descuidado. A expressão tomou esse sentido a partir da prática colonial de fabricar telhas moldando-as nas coxas dos escravos.

■ Não sou tuas negas

Relação de propriedade, também como herança colonial onde escravas negras eram propriedades dos homens brancos e utilizadas para satisfazer desejos sexuais. São comuns deste período assédios e estupro. É também uma expressão machista.

■ Cor do pecado

Está associado à sexualização da mulher negra, diminuindo-a a objetificação de servir para os prazeres de outros. É ainda

negativo a partir do emprego de “pecado” que, pautado nas religiões predominantes no Brasil, é dotado de “ruindade”.

■ Cabelo ruim

Depreciativo ao cabelo afro que, por séculos, oprimem negros a negarem o próprio corpo e suas nuances como algo ruim e distante do que é tido como aceitável e bonito, o cabelo liso.

■ Ter um pé na cozinha

Recorda o período escravocrata em que o lugar que cabia às mulheres negras era a cozinha de seus senhores brancos. A herança continua presente no Brasil atual quando se observa a cor de mulheres que assumem cargos de serviços relacionados à cozinha e ao cuidado na casa de pessoas. Mulheres negras e pobres continuam servindo, em sua maioria, a brancos.

■ A coisa está preta

Relaciona o preto, mais uma vez, a situação negativa, desconfortável, perigosa, difícil e desagradável.

■ Negro/a de traços finos

Pertencente a lógica do clareamento onde há o apagamento da estética negra para se aproximar do que é tido como belo.

■ Meia tigela

Explorados também no trabalho na busca de minérios, os negros que não alcançavam as metas estipuladas pelos seus senhores e patrões eram punidos recebendo apenas metade da tigela de comida. A expressão significa algo sem valor e medíocre.

■ Magia negra, lista negra, ovelha negra e humor negro

Todas as expressões inserem a palavra negra/o como algo ruim, prejudicial, ilegal e, conseqüentemente, pejorativo.

■ Boçal

Designação dada a uma pessoa ignorante, a palavra tem, em sua construção histórica, aos negros que chegavam no Brasil e não sabiam falar o idioma local.

+ Conscientização

Para desconstruir o uso dos termos e vícios racistas a fim de evitar ou tentar barrar a sua proliferação para futuras gerações, faz-se necessário também construir uma sociedade mais igualitária já na primeira infância, e a prática escolar se apresenta, neste sentido, como fortalecedora da luta antirracista. Lucian Souza da Silva, professor de Educação Básica, observa também que a escola possui um papel importante nessa desconstrução.

“Através dela [escola] podemos mobilizar ideias, visões de mundo em uma geração que ainda está constituindo seu modo de ser e ver a sociedade. A Lei 10.639/2003 tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira em todos os níveis e modalidades de ensino. Essa legislação é fruto de um longo e intenso esforço do Movimento Negro para que ela fosse aprovada. Porém, sua implementação ainda precisa ser pensada de uma forma mais eficaz. São 17 anos de vigência dessa legislação e pouco avançamos nesse sentido, principalmente no ensino superior, onde são formados os professores. No aspecto educacional, temos avançado lentamente, mas há avanços”, ressaltou o historiador.

Vivo, o racismo oprime e mata pessoas todos os dias no Brasil. Para preservar vidas e provar que vidas negras importam para além de posicionamentos efêmeros de redes sociais, é fundamental a consciência sobre as formas como o racismo se apresenta, seja através do uso de expressões de origem racistas até a violência física.



Rede estadual de ensino revela talentos escondidos

Estudantes como Felipe Batista, contemplado pela Lei Aldir Blanc, recebem apoio para desenvolver suas potencialidades

Márcia Dementshuk
Especial para A União

O estudante Felipe da Silva Batista, de 20 anos, da Escola Cidadã Integral Técnica Alice Carneiro, em João Pessoa, foi um dos contemplados no 'Prêmio Amelinha Theorga', pela Lei Aldir Blanc na Paraíba, promovido pela Secretaria da Cultura da Paraíba. "Vou poder finalmente investir no meu notebook, em material [para pintar] e consertar minha bicicleta", comemora o estudante, acerca do prêmio de R\$ 5 mil que irá receber.

Felipe dá, assim, mais um passo em direção ao seu projeto de vida estabelecido durante as aulas na Escola Cidadã (ECIT). Essa conquista atesta a eficácia do modelo pedagógico empregado na educação pública da Paraíba pela Secretaria Estadual da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT).

A tela 'Renascimento', de sua autoria, irá compor o Acervo da Cultura Paraibana - Memorial da Pandemia. Ela retrata um pavão com a plumagem aberta; o colorido faz uma volta no círculo cromático e os olhos do observador acompanham o movimento abrindo-se, pena por pena. Foi pintada durante a pan-

// Vou poder agora, finalmente, investir no meu notebook, em material [para pintar] e consertar minha bicicleta (...). Isso me ajudou bastante //

demia no ano de 2020, o ano da pandemia do novo coronavírus.

"Foi um ano cheio de dificuldade e criação de autoconsciência, com meses nos quais não tinha inspiração nem para fazer o que eu mais amo. Porém, a vida é repleta de dificuldades e a maior diferença desse ano foi que a realidade do nosso país estava estampada na nossa frente o tempo todo, uma realidade triste, amarga, onde a arte mais uma vez foi fundamental para sentir desagravo", avalia Felipe quando perguntado como atravessou o ano de 2020. "Inclusive, ele teve o corona", completou a professora Francy, referindo-se ao vírus da covid-19.

Felipe e outros 20 colegas são alunos das disciplinas de Artes e de Projeto de Vida, ministradas pela professora Francineide Lira Ferreira, a Francy, da ECIT

Alice Carneiro, instalada no bairro de Manaíra, na capital paraibana. As aulas avançaram mesmo com o ensino não presencial na pandemia, apesar das dificuldades, mantendo a essência pedagógica das Escolas Cidadãs Integradas aplicadas na Paraíba, como explica Léia Gonçalves, gerente executiva de Ensino Médio.

"O modelo pedagógico aplicado nas Escolas Cidadãs Integradas, tendo como centralidade o Projeto de Vida, é apoiado na chamada Pedagogia da Presença, que possibilita aos professores olhar cada estudante como ser único e cheio de potencialidades e talentos", explica Léia.

"A presença afirmativa de toda a equipe escolar e o apoio ao protagonismo juvenil, que leva o jovem a se reconhecer - não apenas como ser transformador da sociedade, mas também como alguém que pode sonhar e realizar -, tem feito a diferença na vida de muitos estudantes que têm na educação o apoio para ver seus sonhos e talentos sendo descobertos e reconhecidos. Foi na escola, com o apoio de seus professores, que Felipe se descobriu artista e aprendeu a voar e, principalmente, a inspirar outros jovens", ressalta Léia Gonçalves.



A tela 'Renascimento', de autoria de Felipe Batista, vai compor o Acervo da Cultura Paraibana - Memorial da Pandemia

+ Modelo de ensino destaca o protagonismo jovem

O modelo pedagógico Pedagogia da Presença foi adotado e adaptado por educadores paraibanos para acompanhar a realidade local em cada município do estado. Foi implantado nas ECIs (e nas ECITs, escolas técnicas) em 2016, com oito escolas. Hoje são 128 Escolas Cidadãs Integradas, cem Escolas Cidadãs Integradas Técnicas e uma Escola Cidadã Socioeducativa. A Alice Carneiro iniciou como ECIT em 2017. Felipe Batista entrou no primeiro ano em 2019, aos 18 anos, com muita curiosidade.

"Eu queria ver o que ia acontecer; como eu ia me adaptar; o que iria ter para eu aproveitar; como seria estudar o dia inteiro e voltar para casa às cinco horas da tarde? Eu já conhecia alguns alunos, amigos do bairro onde eu moro, o São José, mas os professores foram total novidade", conta ele. Não passava por sua cabeça as oportunidades que toparia.

"Artes. De cara, me interessei por artes. Arte em série. A professora Francy e a professora Nezângela [Pinheiro] deram oportunidade pra eu praticar a pintura. Algo que eu não tinha possibilidade, por falta de condições. Eu tinha o desejo de estudar aquilo e não tinha os materiais, um ambiente adequado para praticar".

E ele continua: "Depois disso, a minha mente expandiu para que eu pudesse entender desde o contexto histórico até a prática. É impressionante como a mente da pessoa muda. Como a arte faz com que a pessoa perceba uma interação em tudo. Como a arte tem ligação com tudo, Biologia, Matemática, Química... E eu sempre levava essas disciplinas para o estudo da arte. Toda vez que eu ia pra aula eu relacionava os conteúdos para o que eu gostava que era artes visuais. O estudo da Química, para o estudo

dos produtos que compõem a tinta a óleo, a tinta acrílica... Eu vi ligações com o que eu queria aprender".

O secretário executivo de Gestão Pedagógica da SEECT, Gabriel dos Santos Souza Gomes, destaca: "No modelo da Escola Cidadã Integral, o aluno e seu projeto de vida ocupam o centro da escola. Essa premiação do estudante Felipe foi uma evidência da realização do sonho dele, de seu projeto de vida, que é na área da arte. Na escola foi onde ele encontrou refúgio e o apoio necessário para que ele conseguisse entender o contexto social no qual está inserido, o contexto econômico, o contexto sociopolítico como um todo, para que ele pudesse se posicionar enquanto cidadão do mundo e decidir qual seria o seu projeto de vida".

E Gabriel dos Santos completa: "Essa é mais uma conquista desse estudante que tem sido, sim, protagonista dentro da sua escola e, principalmente, dentro de sua própria vida, sabendo onde quer chegar, quando chegar e como chegar. Parabéns, Felipe, e que você possa seguir em busca de realizar mais sonhos".

Depois de quatro anos de trabalho em conjunto da SEECT desde a implementação da primeira ECI em 2016, com formações dos professores e técnicos, reformas nas escolas, contratação de novos profissionais, os resultados são visíveis não só por meio da experiência de Felipe Batista, mas de inúmeros estudantes desse modelo de escola espalhado por todo o estado

Foto: Divulgação



Felipe Batista disse que sua mente expandiu depois que ingressou em uma Escola Cidadã

+ Metas do Projeto de Vida ganham ressignificado

A professora Francy, juntamente com outros professores, marcaram a vida de Felipe, que hoje está com 20 anos. Francy intermediou as entrevistas às quais ele respondia em vídeo, em áudio e texto: "Pensando no que eu vivi, eu vejo que não foi fácil. Tiveram muitas barreiras, muitas dificuldades. Como num caminho de pedras, onde eu ia colhendo as pedrinhas e ia construindo um castelo. E eu quero construir um mundo muito grande. A Escola Cidadã está me ajudando muito bem nisso. E é só o começo".

Segundo Felipe, ele teve o apoio das pessoas que o amam. "Isso me ajudou bastante. Eu sabia que, mesmo que eu não conseguisse, eles estariam comigo e eu não queria decepcionar. Então, coloquei isso como um objetivo, faz parte do meu projeto de vida e pronto!".

Perguntado sobre o que ele espera para o ano de 2021, ele ressalta: "Aproveitar o último ano no Ensino Médio. Meu objetivo atual é conseguir constância no que é necessário: a escola e minhas produções. Com o dinheiro do edital vou incentivar uma vontade de estudar design ilustrativo". E quais as dificuldades ele mais sentiu? Felipe sintetiza: "A mesma de vários estudantes que tentam trabalhar e estudar". O concurso foi justamente para incentivar os artistas durante a pandemia.

// Isso me ajudou bastante. Eu sabia que, mesmo que eu não conseguisse, eles estariam comigo e eu não queria decepcionar. Então, coloquei isso como um objetivo, faz parte do meu projeto de vida e pronto! //

Esperança

Terra de religiosidade e do "pai dos pobres"

Fotos: Divulgação/Prefeitura de Esperança

José Alves
Especial para A União

Situada na região do Agreste da Paraíba, Esperança é o município que tem como um dos filhos mais ilustres o esperancense Padre Zé Coutinho. Mais conhecido como o "pai dos pobres" e fundador do Hospital Padre Zé, em João Pessoa. A cidade tem como principal ponto turístico a capela erguida em homenagem a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. O monumento, além de ser um local de meditação e de celebrações, é um dos principais símbolos do patrimônio histórico e cultural do Estado da Paraíba.

De acordo com estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2019, a cidade que fica distante a 146 quilômetros da capital paraibana, tinha uma população estimada em 33 mil habitantes. Sua área territorial é de 157.851 quilômetros quadrados. O município, que se destaca entre os mais desenvolvidos do Compartimento da Borborema, tem 31 escolas do Ensino Fundamental e seis escolas do Ensino Médio.

O melhor caminho para se chegar ao município é por Campina Grande, através de transportes oferecidos pela Viação São José, com partida das rodoviárias situadas em Campina Grande. Outras opções são por transportes particulares ou transporte alternativo que realiza o mesmo trajeto da linha



além dos eventos religiosos, como a Paixão de Criso, uma das atrações de Esperança é o Carnaval, com destaque para os blocos carnavalescos e a realização de concursos das chamadas ala-ursas

do transporte público.

Boa parte da população local sobrevive do plantio da terra em parceria com o Sindicato de Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares. No entanto, a população de Esperança se orgulha do artesanato, com a confecção manual de bonecas de pano. Elas são conhecidas nacionalmente e internacionalmente. A produção fica na Comunidade de Riacho Fundo.

Os turistas e visitantes do município se encantam com os trabalhos artesanais que são confeccionados em casa. As artesãs chegam a receber encomendas do ex-

terior para a fabricação das bonecas de pano, bastante aceitas e comercializadas na Europa.

Em Esperança, o comércio formal também é um dos pontos fortes da economia. Segundo o professor Antônio Marcos, é possível identificar várias franquias de empresas que estão instaladas em Campina Grande. Quem visita o município, encontra diversas lojas de eletroeletrônicos, laboratórios clínicos, escolas de idiomas, além de bares e lanchonetes.

Os estudantes da cidade há anos foram beneficiados com a instalação de um campus do Instituto Federal de Educação da Paraíba (IFPB). Para o professor do Ensino Médio, Antônio Marcos, a chegada do campus do IFPB mostrou que Esperança é uma localidade que tem porte e é polarizante.

A primeira escola construída foi o Grupo Escolar Irineu Jofilly, na Rua Coronel Juviano Sobreira, no Centro da cidade, em 12 de junho de 1931. Ao longo de sua existência a escola serviu de educandário preparador para praticamente toda a população. Atualmente a escola oferece vagas para turmas dos Ensinos Fundamental e Médio.



+ Promessa e monumento histórico

O monumento criado em homenagem a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, construído sobre um lajedo, na Rua Barão do Rio Branco, no dia 1º de janeiro de 1925, quando a cidade sofria uma epidemia de cólera, se tornou o principal ponto turístico da cidade. Conta a história que, na época, a primeira-dama do município, dona Esther Rodrigues, preocupada com o problema, fez uma promessa, foi atendida e mandou construir a capela.

A capela se tornou patrimônio histórico e cultural do Estado da Paraíba e a lei foi publicada na edição do Diário Oficial do Estado (DOE) no dia 11 de dezembro de 2019. A capela, tem cerca de dez metros de altura e espaço para até quatro pessoas. O monumento é cenário para celebração de novenas nas terças-feiras e missas campais, que acontecem uma vez por mês, em frente ao santuário.

Outro ponto turístico de Esperança também está no lajedo. É o Tanque do Araçá. Trata-se de um reservatório d'água onde historicamente ocorreu o início do povoamento da cidade. Ambos os locais são bastante visitados pelos próprios moradores e turistas.

O município de Esperança se limita com as cidades de Algodão de Jandaíra (distante a 23 quilômetros), Alagoa Nova (12,5 km), São Sebastião de Lagoa de Roça (7,5 km), Montadas (12,5 km), Areial (5 km), Pocinhos (23 km) e Remígio (10 km).

Em relação às festas populares na cidade, além dos eventos religiosos, uma das atrações do local é a realização dos festejos de Carnaval, que atraem moradores da região e de turistas. Um dos destaques são os blocos carnavalescos e a realização

de concursos das chamadas ala-ursas.

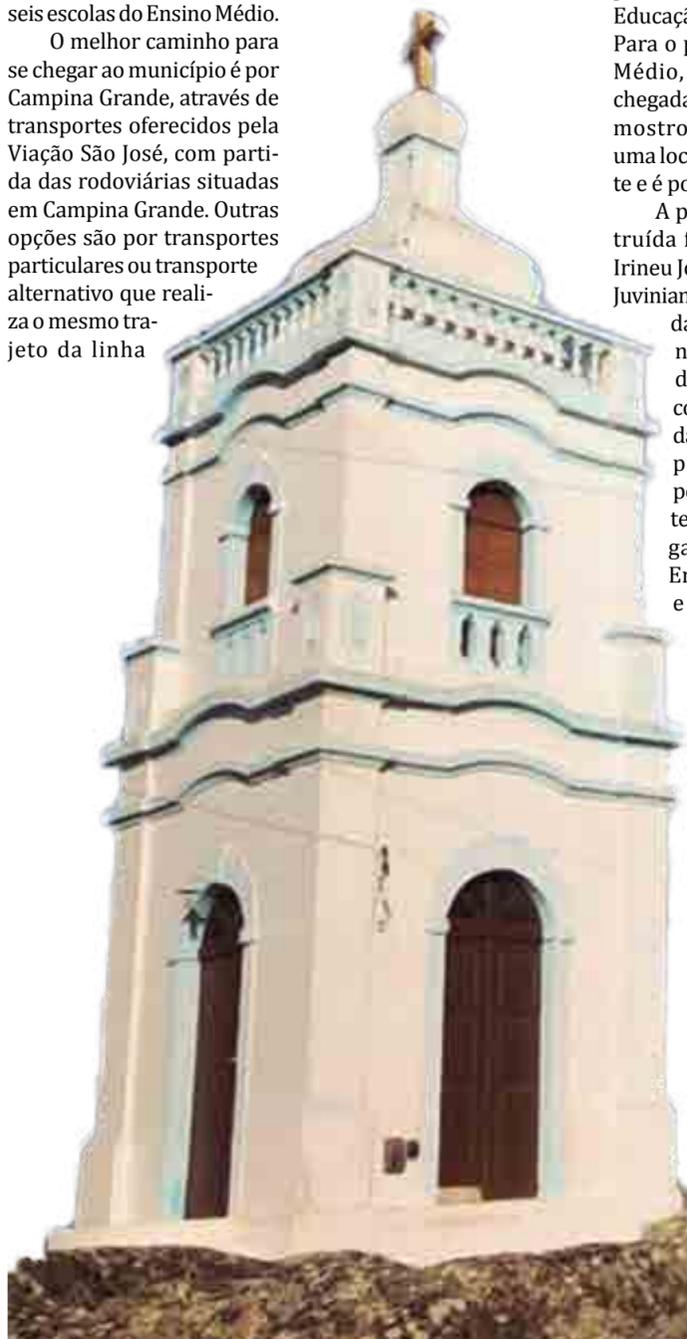
História

A história de Esperança se inicia efetivamente em 1860, a partir da instituição da Fazenda Banaboié, que foi habitada pelos índios cariris, os primeiros a chegar na região. Porém, com a aproximação dos colonos que costumeiramente passaram a se servir da água potável existente no reservatório construído pelos nativos, eles decidiram abandonar o local, mudando-se para outras localidades.

O depósito de água acabou recebendo o nome de Tanque do Araçá, e próximo a ele foi construída a primeira casa da localidade, cujo proprietário foi o marinheiro português Barbosa. Na época, o frei Venâncio foi o primeiro missionário a chegar na região e rezar a primeira missa.

E sob a orientação de frei Venâncio, foi erguida a primeira capela em homenagem a Nossa Senhora do Bom Conselho. Em seguida, muitas casas foram construídas, dando origem à cidade que teve a Agência dos Correios e Telégrafos instalada em 1885. Esperança teve também o nome de Banabuié, mas o nome Esperança foi iniciativa de padre Ibiapina e sua emancipação política se deu no dia 1º de dezembro de 1925.

Atualmente, a cidade de Esperança se destaca entre as mais desenvolvidas do Compartimento da Borborema, polarizando a região. "A prova é que a cada ano se percebe um aumento nos índices de arrecadação, o que comprova que o município possui um grande potencial", pontuou o professor Antônio Marcos. Esperança tem 62,7% de área com esgotamento sanitário adequado.



Capela erguida em homenagem a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro tornou-se símbolo da cidade; à direita, festejos juninos mobilizam a população





Foto: Divulgação

'Macabro'

Racismo, violência policial e feminicídio estão na trama do premiado filme de Marcos Prado, já disponível em várias plataformas digitais



As histórias das execuções terminaram sendo envoltas em lendas e causos sobrenaturais, contados pelos moradores de uma comunidade de imigrantes suíços

Já está disponível nas plataformas digitais Net Now, VivoPlay, Looke, iTunes, Microsoft e GooglePlay o filme brasileiro 'Macabro'. A trama aborda temas como racismo, violência policial e feminicídio, além de ser inspirada na história real de Ibrahim e Henrique de Oliveira, conhecidos como os "irmãos necrófilos", acusados, nos anos 1990, dos assassinatos de oito mulheres, um homem e uma criança, na Serra dos Órgãos, em Nova Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro.

Este longa-metragem de ficção é baseado na história destes jovens irmãos, seguindo um thriller de suspense com o sargento Teo, durante a sua busca pelos suspeitos escondidos na Mata Atlântica. O filme também narra a revolta e condenação dos "irmãos necrófilos" pela população, a imprensa e a polícia local. Mesmo assim, Teo acredita na inocência de um deles e que a sociedade local evidencia um padrão histórico de abuso racial, na qual o racismo era uma realidade tão violenta quanto os crimes em série.

Por isso, um dos temas principais da história é o ra-

cismo cotidiano de duas crianças, que viveram em um ambiente de constante violência doméstica, cresceram violentados, autossuficientes. Por isso, aprenderam a viver na floresta, para fugir da realidade a qual eram expostos dentro da própria família e da comunidade onde nasceram.

O elenco contempla nomes de artistas como Renato Góes, Amanda Grimaldi, Guilherme Ferraz, Diego Francisco, Eduardo Tomaz, Juliana Schalch, Flávio Bauraqui, Paulo Reis, João Pydd, Cláudia Assunção, Osvaldo Mil e Thelmo Fernandes.

O roteiro, escrito por Lucas Paraizo e Rita Gloria Curvo, é resultado de uma extensa pesquisa dos roteiristas e do próprio diretor Marcos Prado em fóruns, processos, autos de julgamentos, entrevistas com moradores da região e com o próprio acusado, Henrique de Oliveira.

Conforme a produção de 'Macabro', a ideia de desenvolver a obra surgiu no ano de 2009, quando Marcos Prado obteve detalhes sobre o caso. Na época, ele foi procurado pelo advogado de Henrique, um dos irmãos que estava

preso, afirmando que a condenação tinha sido injusta, pois não existiam provas contra Henrique, e o acusado não participou dos crimes com o irmão Ibrahim.

Assim, o diretor explica que as questões existentes na produção da narrativa envolviam. Como ter certeza de que Henrique havia ou não participado dos crimes? Como construir uma narrativa em que deixasse essa suspeita sem solução? Quais seriam as motivações para esses crimes tão bárbaros? E, porque a maioria dos crimes foram feminicídios?

"O que mais me chamou atenção nessa história, além das barbaridades dos crimes em série cometidos pelos 'irmãos necrófilos' e as lendas criadas pelos locais é que talvez Henrique tenha sido condenado injustamente a 49 anos de prisão. Eram muitas perguntas sem respostas e uma porção de camadas a serem exploradas", destacou.

O longa-metragem foi filmado em um local próximo ao do acontecimento dos crimes, que até os dias atuais permanecem na memória dos moradores daquela região.

+ Um dos mais misteriosos crimes da história do Brasil

O filme é inspirado em um caso real, considerado um dos mais misteriosos do Rio de Janeiro: o dos "irmãos necrófilos". Os crimes envolviam os assassinatos em série, cometidos por dois jovens irmãos negros, seguidos de estupro, que ocorriam na região serrana, conhecida como Serra dos Órgãos.

Antes de ser transformada em filme, ainda na década de 1990, a história foi assunto na mídia da época. Porém, também era envolta em lendas e histórias sobrenaturais, contadas pelos próprios moradores de uma comunidade

de imigrantes suíços, muito religiosa e conservadora.

Neste contexto, o Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) assumiu a missão de capturar os "irmãos necrófilos", em uma das mais longas e difíceis buscas da história da tropa. Para refletir este lado dos fatos, surge a figura do sargento Teo (Renato Goés), um jovem policial que nasceu na região. Enquanto atravessa uma crise profissional e ética, é resignado para voltar à sua cidade natal na busca pelos suspeitos escondidos na Mata Atlântica.



Imagem: Reprodução

Assassinatos em série, seguidos de estupro, ocorriam na região serrana do Rio de Janeiro, conhecida como Serra dos Órgãos

RECONHECIMENTO INTERNACIONAL

Foto: Reprodução/Cinepop



Filme de Marcos Prado (foto) foi premiado em festival dos EUA

A estreia nacional do filme aconteceu na 42ª Mostra Internacional de Cinema, em São Paulo. Também foi exibido no Festival Internacional de Cinema do Rio e teve estreia internacional na competição oficial do Festival de Austin no Texas, além de ser premiado como melhor filme, na categoria "DarkMatters", do Austin Film Festival e no Brooklyn Film Festival.

Além deste longa-metragem, Marcos Prado também é responsável pela direção de outras tramas de sucessos tais como "O Mecanismo" (2018) - Original Netflix Series; e "Paraísos Artificiais" (2010). Inclusive, ele é ganhador de vários prêmios nos principais festivais de cinema do mundo devido a produções como 'Tropa De Elite 2 - o inimigo agora é outro' (2010), filme brasileiro de maior público na história do cinema nacional, e 'Tropa de Elite', vencedor do Urso de Ouro no Festival de Berlim, em 2008.

O currículo do sócio-fundador da Zazen Produções inclui ainda a direção dos documentários Curumim (2016) e Estamira (2004), documentário de maior público nos cinemas em 2006. Ele produziu premiados documentários como Ônibus 174 (vencedor do Emmy Awards), Garapa e Segredos Da Tribo. Hoje, trabalha na biografia do rapper Sabotage.

Aliás, a Zazen Produções, responsável por 'Macabro' também é dona de muitos prêmios nos principais festivais nacionais e tem filmes representando o Brasil em festivais internacionais como o Festival Internacional de Berlim, Emmy Award (EUA), Sundance Film Festival (EUA), KarlovyVary (Rep. Tcheca), Havana (Cuba), Festival Internacional de Documentário de Marseille (França), Direitos Humanos de Nuremberg (Alemanha), Festival Internacional de Rotterdam (Holanda), Festival Internacional de Documentários de Chicago (EUA), entre outros.

A Globo Filmes, também envolvida na produção de 'Macabro', possui uma filmografia com alguns dos maiores sucessos de público e crítica como 'Tropa de Elite 2', 'Minha Mãe é uma Peça 2', 'Se Eu Fosse Você 2', '2 Filhos de Francisco', 'Aquarius', 'Getúlio', 'Carandiru' e 'Cidade de Deus' (com quatro indicações ao Oscar), e Bacurau (prêmio do Júri no Festival de Cannes).

Por último, a Pandora Filmes, distribuidora de filmes independentes há 30 anos, tem como recentes lançamentos 'O Apartamento', de AsgharFarhadi, vencedor do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, e The Square - A Arte da Discórdia, de Ruben Östlund (Palma de Ouro de Cannes). Agora, esta nova produção brasileira exibida, nas plataformas digitais, vem para completar o grupo.

O amor de Schopenhauer

Imagine que, numa grave e surpreendente revelação filosófica, quando amamos somos vítimas de uma conspiração metafísica de natureza cósmica universal. Todo amor existente é tão somente resultado de uma insopitável e gigantesca maquinação. Não amamos, somos enganados. E, se não bastasse, essa mentira seria mero efeito de um imperioso instinto de procriação da espécie humana que não estaria além da condição física. Você acharia graça e desdenharia completamente do filósofo? O acompanharia em seu pessimismo e diria: “sim, ele tem razão, não amamos por que queremos; o amor limita-se ao desejo sexual.” Ou, então, procuraria deter-se um pouco mais à procura de uma melhor resposta, entregando-se a um exame detalhado?

Receio que o primeiro passo para melhor se entender a filosofia de Schopenhauer é conhecer a primeira das quatro nobres verdades budistas.

Buda, como Schopenhauer, acreditava que o sofrimento não era exceção, mas a regra fundamental da vida humana. Esse postulado repousa sobre a vontade. Como estamos quase sempre desejando coisas novas e diferentes somos alvos na mesma proporção de uma angústia aterrorizante que nos deixa pesadamente infeliz, graças à débil capacidade de realização integral dos desejos. Essa doutrina assevera que o sofrimento nada mais é que parte do curso incessante das coisas e do perpétuo querer, de modo que a solução para tão difícil situação estaria na resignação.

Mesmo assim, a resignação pura e simples não significaria, ainda, imediata garantia de sucesso, mas condição. Apenas o nirvana seria capaz de libertar o homem da roda de sofrimento, sendo possível mediante rígida disciplina ascética e total supressão dos desejos. Schopenhauer, porém, vê uma saída momentânea na arte. Ele acreditava na felicidade não como regra, mas como exceção negativa de uma vida infeliz: “se a

nossa existência não tem por fim imediato a dor, pode dizer-se que não tem razão alguma de ser no mundo”. O amor é, portanto, resultado de uma vontade única – atemporal, sem um fim determinado –, que julgava ser o princípio ordenador do universo.

Dessa maneira, quando nos apaixonamos por alguém somos dirigidos perfeitamente pela vontade – a procriação é uma forma de reprodução do sofrimento. Esse estranho capricho da natureza, pensava o filósofo alemão, explicaria o fato dos opostos se atraírem, a entregados amantes, a crença de que somente aos homens seria permitida a não monogamia.

Em que medida é razoável supor verdadeira a crença no mundo como ambiente de absoluta e invariável tristeza? O desejo incessante faz do sofrimento uma regra? A vida possuiria alguma graça se não desejássemos algo? A necessidade faz o homem, o homem faz a necessidade ou ambas as coisas se complementam?

Estou certo de que o desejo pode ser uma fonte de prazer e excitação. Quantas vezes somos arrebatados por desejos e gostamos? Sonhamos com acontecimentos vindouros, como o campeonato do nosso time ou a vitória de um candidato numa eleição; que veremos nossos filhos crescerem; os amigos felizes; que seremos bem-sucedidos profissionalmente; que encontraremos o grande amor e seremos capazes de revolucionar o mundo – não ficamos tristes com tais coisas.

Faltassem-nos os desejos, seríamos seres como as pedras e os alicates, inconscientes e incapazes, por vontade própria, de intervir e modificar o mundo, seríamos, in anima vili, nulidades estáticas. De um ponto de vista exageradamente humano, não haveria movimento e sem movimento não haveria o tempo e sem o tempo não haveria a história e sem a história não haveria o homem. Ou seria exatamente o contrário?

“A beleza salvará o mundo”

“Seguramente não podemos viver sem pão, mas também é impossível existir sem beleza”, essa frase é do filósofo, escritor e jornalista russo FiódorMikhailovitch Dostoiévski (1821 - 1881). Ele afirmou que a “Beleza tem uma dimensão ética e espiritual”. Essa sua tese postula que existe ‘algo’ no agir humano que é estético e conduz a natureza humana ao que está fora da materialidade e racionalidade. Ao estudar os textos de Dostoiévsky é possível chamar esse objeto transcendental de belo, e essa dimensão do objeto da beleza é acessível a todos os seres por uma necessidade inata à constituição da própria existência, seja através da cultura, da moral e virtudes. A beleza encontrada no agir humano, a partir da estética da ética proposta por Dostoiévsky, conduz os relacionamentos ao afeto e prioriza a construção da unidade na diversidade, através da compaixão e da dignidade no acolhimento para com a dor do outro, é essa beleza que construirá a irmandade entre todos os seres humanos. Dostoiévsky não se refere ao ‘amor ao próximo’; ele apresenta a beleza sendo a única força que suscita o amor - e nos faz ver no outro um próximo a amar. Nesse contexto, conclui-se que a beleza é um valor em si mesmo e não se constitui de interesse para si. A beleza moral é uma pulsão de causa que gera o bem a si e ao próximo, apesar de que se deve viver a beleza no meio de um mundo de interesses narcísicos e de trocas. Dostoiévsky afirmou que a beleza de amar é a única condição suficiente para amar.

Através dos seus livros, Dostoiévsky aproximou-se das regiões brutais da natureza humana e demonstrou a constituição da perversidade, apesar de expor o inacessível, o insuportável e indizível do inconsciente humano. Dostoiévsky descreveu pessoas más e destrutivas e outras que mergulharam na loucura do desespero. A sensibilidade de Dostoiévsky poetizou amor com a humanização da dor compartilhada. Ele conseguiu ver beleza na alma dos mais perversos personagens. Para ele, o contrário do belo não é o feio; mas, o espírito individualista. O feio

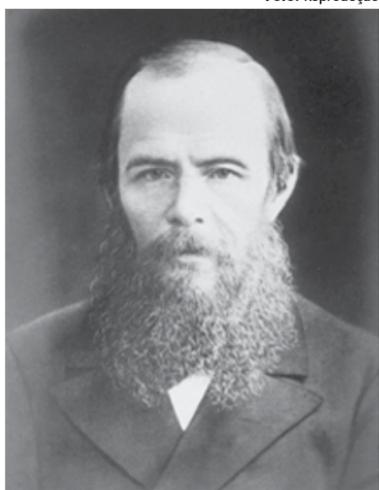


Foto: Reprodução

Dostoiévski (foto) é autor clássico da literatura mundial em Dostoiévsky é o ódio para com o outro... é roubar-lhe a dignidade.

As obras de Dostoiévski apresentam os transtornos psíquicos dos personagens nos contextos sociais, políticos, religiosos, filosóficos e espirituais. Nas suas obras, ele conceituou o bem enquanto beleza moral e espiritual. As obras que tratam desses temas são: Memórias do Subsolo (1864); Crime e Castigo (1866); O Idiota (1869); Os Demônios (1872); e Os Irmãos Karamazov (1881).

Filósofo, escritor e jornalista

O livro Memórias do Subsolo (1864) gravita em torno de um homem amargo, isolado, sem nome, que se considera fraco e covarde, que fala de si próprio de forma humilhante. Esse homem amargo se julga incapaz de agir com confiança e tomar decisões e passa os dias no seu subsolo. Esse personagem afirma que é um homem mau, mas que pode ser agrado e visto como uma pessoa de bem. Esse conflito o torna incapaz de livrar-se do peso moral que o aflige. Ele diz que os homens sanguinários eram cultos e inteligentes, e que ele mesmo gostaria de encontrar um motivo para dar sentido a sua vida. O homem do subsolo conclui que diante do seu vazio ‘o melhor é não fazer nada’.

O livro Crime e Castigo (1866) é considerado um ensaio psicológico, porque expõe os pensamentos de uma mente criminosa. O tema central é

um crime e as consequências que ele acarreta ao criminoso. A temática trata do remorso, do delírio, do conceito de moralmente correto, dos diálogos internos do ser humano, da culpa e do medo de decepcionar.

O livro O Idiota (1869) apresenta a tese de que existe a beleza inata em todo ser humano. Nesse livro Dostoiévsky postulou: “A beleza salvará o mundo”. Essa tese se refere a beleza do fazer o bem a si mesmo e ao outro. O Idiota narra uma história de um personagem cuja índole é dominada pelo amor, perdão e bondade. Essas características fazem com que o personagem de tanto perdoar demais, deixa-se ser maltratado.

O livro Os Demônios (1872) foi inspirado no assassinato de um jovem estudante por um grupo niilista, ocorrido na Rússia em 1869. A história é uma recriação fictícia do fato e faz uma reflexão política, social, filosófica e religiosa daquela época. Os Demônios são: a violência; o terrorismo; as perversas ideologias; e outros relacionados à crueldade humana.

O livro Os Irmãos Karamazov (1881) é baseado numa família desestruturada, formada por um pai irresponsável em relação a seus filhos e que foi desrespeitador com suas esposas em ambos os casamentos. A temática trata do livre-arbítrio, da fé em Deus e ateísmo. A trama gravita em torno da relação entre um pai e seus três filhos: o primeiro tem um temperamento maníaco-depressivo; o segundo é inteligentíssimo e questionador em relação ao que faz parte do bem e do que faz parte do mal; o terceiro é bondoso. Existe um quarto filho, que é fruto de um estupro e apresenta comportamentos de extrema maldade e de excessiva serventia.

■ *Sinta-se convidado para a audição do 297 domingo sinfônico, na rádio tabajara FM 105.5, deste 3 / 1 / 2021, das 22h às 0h. Baixe o aplicativo <http://radiotabajara.pb.gov.br>. Vamos conhecer o compositor Tcheco Antonín Leopold Dvořák (1841 - 1904). Ele contribuiu para construir o nacionalismo da República Tcheca e foi influenciado pelo primeiro e segundo romantismo alemão.*

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Saudades de Furacão

Estava lendo Silvina Ocampo (foto) (1903/1993, Buenos Aires) "A lebre dourada", em A Fúria, quando pensei em Furacão, um jovem mulato que já fazia escritos em pedras, e teve um empurrão do amigo Pat Roberto, para conhecer alguma coisa do velho novo e chato cartão portal.

Vamos a Silvina (foto) - “Com um salto seco, a lebre cruzou o caminho e começou a correr; os cachorros correram atrás dela confusamente. Para onde vamos? - gritava a lebre com a voz trêmula, apressada. Até o fim da sua vida - berravam os cães com vozes de cães”. Isso da autora dizer até o fim da vida e já que não existe fim, mas a transformação e essa sensação de vamos vencendo, pulando janelas, sem ser defenestrados.

Nessa hora lembrei de Maria Bethânia, cantando o Trenzinho Caipira de Villa-Lobos com poema de Ferreira Gullar: “Lá vai o Trem com o menino/lá vai a vida a rodar lá vai ciranda e destino/cidade noite a girar/lá vai o trem sem destino/ pro dia novo encontrar/ correndo vai pela terra vai pela serra, vai pelo ar/cantando pra serra do luar correndo entre as estrelas a voar/ no ar...no ar...”. Ela fecha a canção com Vou danado pra Catente/ Vou danado pra Catente/Vou danado pra Catente com vontade de chegar” (esse trecho Vou Danado Pra Catente é de Alceu Valença do álbum "Molhado de Suor", de 1974)

Tudo isso com a vontade de reencontrar Furacão e com ele me abraçar. Puxa vida! O cara bota o apelido de furacão no K e fica por isso mesmo? Nome, bairro, amigo, amor.

Quando cheguei no TJPB em 1990, Márcio Roberto já estava, como se me esperasse de Catente, (Pernambuco), mas Furacão vinha de Jatobá, olé, olá. Foi uma alegria danada. Também por lá Antonieta, Valdeci, Germana Bronzeado, a saudosa Suênia, Candinho, Gilberto Lopez e a doce senhora Bernadete, que o genro a matou no final de um ano feliz.

Eu já tinha lido “Guerra e Paz”, de Liev Tolstói, o clássico publicado em 1855 que nunca foi a base de trabalho do K, pois, minhas narrativas curtas e enlouquecidas, estão longe do escritor russo. Se não me engano cheguei ao Tribunal em fevereiro, mês do aniversário de Pat Roberto.

Esse exercício de abreviada extensão do sim do não, não me serviu como estrutura fundamental para erigir o tempo do casarão, porque eu já tinha lido também “O Vermelho e o Negro” de Stendhal, um dos livros mais bonitos, um colosso responsável por não consagrar o apelido Furacão na minha vida. Eu gosto mais de “Memórias de Adriano”, a obra-prima de Marguerite Yourcenar. Escutei pela Rádio Corredor, que meu apelido era Furacão e o único que eu tinha era Kubi, uma miniatura de Kubitschek, que hoje sou apenas, o K. Cá pra nós, Márcio Roberto, que era secretário, já tinha lido tudo – de Deus e o diabo na terra das Cardinales Bonitas.

O Furacão crescia e o jornalista se multiplicava num vulcão de conhecimentos. Onde andaré Pat Roberto, que botou o apelido de Furacão em mim e nunca me chamou assim? Foi ele quem falou com o juiz de paz para me casar com Francis, separado de uma récuca de nubentes, em 1993, numa tarde linda, eu me lembro ainda, do velho cais dourado.

Pat Roberto me ajudou a enterrar minha mãe e me dava carona todas as noites, quando eu trazia ossos de boi do Mercado Central, para alimentar os cachorros. Sim, eu sou o homem que ainda amo os cachorros.

Saudades de Cazuzá: “E o corpo inteiro feito um furacão/Boca, nuca, mão e a tua mente, não, Ser teu pão, ser tua comida, Todo amor que houver nessa vida, E algum remédio que me dê alegria”.

Kapetadas

1 – Gente, eu estou adorando a forma oblíqua como algumas pessoas neuróticas estão postando fotos das suas farras... aqui um pedaço de céu... Aqui onde?

2 – Eu sonhei beijando na boca com máscara de cambraia de linho, sério.

3 – Hoje não tem som na caixa.

Foto: Reprodução



Críticos consideraram Silvina Ocampo (foto) a maior cantora da Argentina

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador



Foto: Divulgação

O diretor Alex Santos e equipe, gravando Balduino Lélis (D), durante "Remake - A história de um reinício", realizado no sertão paraibano

"Remake" para saudar um sectário do nosso cinema

Existem coisas que jamais advêm por acaso. Chegara de uma temporada de dois anos e meio morando em Brasília, onde fui concluir mestrado na UnB, e logo recebi a incumbência de apresentar um programa de televisão de uma produtora de João Pessoa, a Panorama Ltda. Era final de ano, aquele 1995, e lá estávamos nós a relembrar os 100 Anos da criação do Cinema.

O programa "Paraíba Hoje na TV", exibido nos finais de semana por um canal de televisão da cidade, com redação minha e apresentação de Sandra Barcia, foi, posso afirmar, o motivo para que eu realizasse um documentário celebrando também os quase cem anos do cinema paraibano.

"Remake: A história de um reinício", que dirigi naquele ano, teve ainda um forte motivo para a sua realização, que foi a presença do produtor Aníbal Massaini Neto e do diretor de cinema Carlos Coimbra, que aqui vieram para "sondar" a possibilidade da refilmagem de "O Cangaceiro" de Lima Barreto, realizado em 1953, e ganhador de prêmios no Festival de Cannes, na França.

Após uma rápida visita que fizemos ao gabinete do governador Antonio Mariz, no Palácio da Redenção, onde gravamos imagens, também de uma outra visita ao secretário de Cultura Iveraldo Lucena, e realizarmos encontro em Tambaú, com um grande número de realizadores e atores locais, dentre eles Machado Bitencourt e a atriz e produtora Kristel Bianco Rique, seguimos para a região do Cariri paraibano na companhia do entusiasta Balduino Lélis. Este, que nos guiaria pelos caminhos de Taperoá durante as gravações em U-Matic. Ali, Balduino me expôs um de seus maiores sonhos: fundar a Cidade Cenográfica de Sansarê, fazendo previsões otimistas ao cinema paraibano.

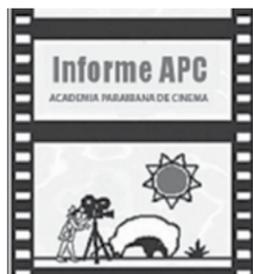
Esse sonho balduiniano motivaria Kristhel Byancco's Productions a nos solicitar sua concretização no curta-metragem "Sansarê Scenographic City" (<https://youtu.be/AUxIbtYlens>), com direção minha, narrado em inglês, com imagens e edição em U-Matic e finalizadas na WL Produções, e que seria para

uma exibição exclusivana Embaixada do Brasil nos Estados Unidos.

E gostaria de registrar aqui um dos trechos que me declarara Balduino, em sua entrevista ao "Remake: A história de um reinício":

"Hoje, nós precisamos acreditar na juventude das nossas ideias e não só na velhice dos nossos cabelos brancos. Devemos confiar no futuro e em tudo aquilo que temos para oferecer: a nossa paisagem, o sol, a nossa cultura e fazer valer o nosso cinema."

Pois bem, o mesmo Balduino Lélis, multiculturalista, dinâmico, que nos brindava com uma entrevista otimista, enfática, em "Remake", profetizando uma perspectiva autônoma para o cinema paraibano. O mesmo Balduino que agora se foi deixando saudades, parceiro que ocupava a Cadeira 3 da nossa Academia Paraibana de Cinema, tendo como Patrono Alberto Leal, um dos pioneiros da cinematografia exibidora paraibana. - Mais "coisas de cinema", acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br



APC: Nota de condolências

A presidência da Academia Paraibana de Cinema, diante do recente falecimento de seu acadêmico Balduino Lélis, Cadeira n03 (Patrono Alberto Leal), presta condolências à família dele, lembrando a sua ativa participação na vida cultural do nosso Estado.

Além de influente atividade no campo da museologia, Balduino teve atuação também no cinema. Em 1995, celebrando os 100 Anos do Cinema, ele concedeu entrevista ao documentário "Remake - História de um reinício" dirigido pelo cineasta Alex Santos. Antes, porém, dentre outros teve atuação expressiva em "Menino de Engenho", "Fogo Morto", "Salário da Morte", este dirigido pelo cineasta Linduarte Noronha, dentre outros longas-metragens.

Essas coisas

Carlos Aranha

c.aranha@yahoo.com | colaborador

Texto de 86 anos reflete a atualidade

Como são terríveis, obscuras, levianas, etc. e tal, as coisas que estão acontecendo nas áreas culturais e políticas do país, vale a pena transcrever trechos de "As cinco dificuldades para escrever a verdade".

É um texto que o genial poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht (ilustração) escreveu em 1934. Vejamos como se adapta ao Brasil de agora o texto escrito há 86 anos.

"Hoje, o escritor que deseja combater a mentira e a ignorância tem de lutar, pelo menos, contra cinco dificuldades. É-lhe necessária a coragem de dizer a verdade, numa altura em que por toda a parte se empenham em sufocá-la; a inteligência de a reconhecer, quando por toda a parte a ocultam; a arte de a tornar manejável como uma arma; o discernimento suficiente para escolher aqueles em cujas mãos ela se tornará eficaz; finalmente, precisa de ter habilidade para difundir entre eles.

"1. É evidente que o escritor deve dizer a verdade, não a calar nem a abafar, e nada escrever contra ela. É sua obrigação evitar rebaixar-se diante dos poderosos, não enganar os fracos, naturalmente, assim como resistir à tentação do lucro que advém de enganar os fracos. (...)

"2. A guerra interna, dispondo dos meios mais horríveis, pode transformar-se dum momento para o outro numa guerra exterior que só deixará um montão de escombros no sítio onde outrora havia o nosso continen-

te. Esta é uma verdade que não admite dúvidas, mas é claro que existem outras verdades. Por exemplo: não é falso que as cadeiras sirvam para a gente se sentar e que a chuva caia de cima para baixo. Muitos poetas escrevem verdades deste gênero. Assemelham-se a pintores que esboçassem naturezas mortas a bordo dum navio em risco de naufragar. Alguns consagram-se verdadeiramente às tarefas mais urgentes, sem medo aos poderosos ou à pobreza, e no entanto não conseguem encontrar a verdade. Faltam-lhe conhecimentos. As velhas superstições não os largam, assim como os preconceitos ilustres que o passado frequentemente revestiu de uma forma bela. Aham o mundo complicado em demasia, não conhecem os dados nem distinguem as relações. A honestidade não basta; são precisos conhecimentos que se podem adquirir e métodos que se podem aprender.

"3. Aqueles que estão contra o fascismo sem estar contra o capitalismo, que choramingam sobre a barbárie causada pela barbárie, assemelham-se a pessoas que querem receber a sua fatia de assado de vitela, mas não querem que se mate a vitela. Querem comer vitela, mas não querem ver sangue. Não são contra as relações de propriedade que produzem a barbárie, mas são contra a barbárie. Se se pretende dizer eficazmente a verdade sobre um mau estado de coisas, é preciso dizê-la de maneira que permita reconhecer as suas causas evitáveis. Uma vez reconhecidas as causas evitáveis, o mau estado de coisas pode ser combatido.

"4. A verdade deve ser pesada por quem a diz e por quem a ouve. E para nós que escrevemos, é essencial saber a quem a dizemos e quem no-la diz. Devemos não só dirigir-nos às pessoas que têm uma certa opinião, mas também aos que ainda a não têm e deviam tê-la, ditada pela sua própria situação. (...) Para quem escreve, é importante saber encontrar o tom da verdade. Um acento suave, lamentoso, de quem é incapaz de fazer mal a uma mosca, não serve.

"5. Aquele que fala em 'terra' e evoca a visão pastoral e o perfume dos campos favorece as mentiras dos poderosos, porque não fala do preço do trabalho e das sementes, nem no lucro que vai parar aos bolsos dos ricos das cidades e não aos dos camponeses que se matam a tornar fértil o 'paraíso'. (...) Numa época como a nossa, os governos que conduzem as massas humanas à miséria, têm de evitar que nessa miséria se pense no governo, e por isso estão sempre a falar em fatalidade. Quem procura as causas do mal, vai parar à prisão antes que a sua busca atinja o governo. Mas é sempre possível opormo-nos à conversa fiada sobre a fatalidade: pode-se mostrar, em todas as circunstâncias, que a fatalidade do homem é obra de outros homens. Até na descrição de uma paisagem se pode chegar a um resultado conforme à verdade, quando se incorporam à natureza as coisas criadas pelo homem".

Nunca esquecer Brecht: "A fatalidade do homem é obra de outros homens".

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

O mundo dos livros

Tenho muitos livros. Então não devo me distanciar deles. Com eles careço de conviver sempre no conforto da mais amorosa intimidade. Limpando, arrumando, folheando ou, simplesmente, observando sua posição no espaço das estantes, estabeleço os dispositivos psicológicos que presidem o sabor dessa venturosa convivência.

Evito, portanto, essa distância porque distanciar-se, neste caso, pode ser esquecimento e muito mais que abandono. Socorro-me, assim, de certos expedientes que me vêm nas horas em que me deixo ficar no sossego e na solidão da Biblioteca. Ah! tenho uma biblioteca, e que biblioteca!

Às vezes costumo fazer pequenas viagens por países e autores, obras, gêneros, lugares e imagens que compõem a fibra plural de meus interesses de leitor circular. Detenho-me também em certos períodos históricos, em certas fases literárias, filosóficas e estéticas, em certos grupos, gerações, movimentos com os quais se tecem as especiarias do mundo dos livros, em sua verdade, esplendor e beleza. Alguns personagens, reais e fictícios, individuais e coletivos, protagonistas, coadjuvantes, figurantes e secundários parecem saltar das páginas para vir confabular comigo na deliciosa rotina da leitura.

O melhor de tudo isto é que retorno, desses periplos mágicos, refeito e renovado, presa do bálsamo e da alegria de saber um pouco mais sobre isto e aquilo, mas também de saber que sei menos, pois, como diria Clarice Lispector, "Toda sabedoria é limitada; infinita mesma é a ignorância".

Não raro escolho certa paisagem a visitar ou a rever, para me certificar de suas ofertas surpreendentes. Desculpe-me a idiosincrasia, caro leitor, mas hoje quero tocar em três exemplos que me ocorrem ao fluir da crônica e à fluida propriedade dessa letra lúdica. Três exemplos, três turnos, três idiomas e três tradições culturais. Uma, fulcrada na perspectiva filosófica; duas, na riqueza da expressão literária.

De manhã, por exemplo, posso passear pelas academias gregas e sublinhar, aqui e ali, algumas palavras de Sócrates registradas por Platão, em seus Diálogos, ou retomar certos caminhos que Aristóteles desvenda em sua Ética a Nicômaco.

O leitor deve estar pensando: "Gente tão antiga!". Ora, no mundo do conhecimento, sobretudo do conhecimento especulativo, o tempo não conta muito. As raízes da melhor reflexão estão lá, protegidas pelas muralhas do passado.

Ainda nos limites gregos, não sei por que os cínicos, os cétricos, os epicuristas e sofistas me atraem tanto. Colho aqui uma frase de Zenão e anoto algo de Demócrito que ainda me serve nesses tempos ditos pós-modernos. Muito do que se discute hoje, em especial no campo da arte, ainda traz as marcas indelévels dos mestres clássicos, com suas antecipações teóricas e estéticas.

Mas uma manhã é tão pouco para a vastidão da Grécia e para a densidade propedêutica de seu pensamento filosófico. Mesmo uma vida inteira talvez seja curta para dar conta da paideia ática, cujas origens epistêmicas residem na cosmologia de Heráclito, Pitágoras, Anaximandro, Tales de Mileto, Parmênides e Melisso de Samos.

De tarde, posso estar com os ingleses e com os norte-americanos, frequentando a floresta diversificada das árvores literárias, das espécies poéticas que duram para além dos tempos e podem falar a língua de todas as regiões da alma. Shakespeare, William Blake, Walt Whitman, Herman Melville, Henry James, Edgar Allan Poe, D. H. Lawrence, T. S. Eliot, Henry Miller, John Fante, Saul Bellow, Ernest Hemingway, William Faulkner e Philip Roth, entre outros, garantem, pelo menos a mim, momentos de prazer indescritível que somente o ato de ler pode proporcionar.

Já pela noite, quando todos dormem e as ruas da cidade começam a ficar desertas, e o silêncio joga sobre nossos corpos o elemento difuso que pulsa no mistério ancestral, nada melhor que se apegar às estepes melancólicas dos contos de Tchekhov, às alucinações irrepriáveis de Dostoiévski, à pungente ironia de Nicolau Gogol e à invulnerável simetria da tristeza nas narrativas de Tolstói.

O mundo dos livros não seria o que é, se não existissem os gregos, os anglo-americanos e os russos! Digo isto, sem nenhum demérito para franceses, alemães, italianos, espanhóis, latino-americanos, portugueses e brasileiros.

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Álvaro Filho, aos 30 anos de idade, prepara-se para atingir o ponto mais elevado em sua já consagrada carreira como jogador de vôlei de praia, as Olimpíadas de Tóquio, adiadas, por conta da Covid-19, para 2021.

Natural de João Pessoa, um dos maiores celeiros do vôlei no mundo, Alvinho, como é carinhosamente chamado pela torcida paraibana e amigos, é bicampeão nacional (2016/2017 e 2018/2019), campeão do Super Praia em 2014, medalha de ouro em cinco etapas do circuito mundial, prata no Pan-Americano de Toronto em 2015 e vice-campeonato mundial de 2013 quando foi escolhido como o melhor atleta do mundo e revelação do torneio.

Além dessas conquistas, ele ainda acumula inúmeros títulos de etapas sul-americanas e brasileiras, assim como outros troféus individuais a exemplo do de esportista do ano no Circuito Mundial em 2017, melhor defensor (2018/2019), melhor levantador (2018/2019) e melhor jogador por duas vezes (2016/2017 e 2018/2019) do circuito nacional, o mais forte do mundo. No entanto, faltava para ele disputar uma olimpíada e após parcerias de sucesso com atletas como o paraibano Vitor Felipe, o sul-mato-grossense Saymon e o baiano radicado em João Pessoa, Ricardo, Álvaro Filho acertou em 2019 a parceria com o capixaba Alison "Mamute", campeão olímpico em 2016 e que buscará agora sua segunda medalha de ouro, agora ao lado do paraibano.

Com poucos meses de parcerias e começando atrás na corrida olímpica, eles superaram os adversários e ficaram com umas das duas vagas brasileiras para a maior disputa esportiva do mundo - a outra pertence à dupla formada por Evandro e Bruno Schmidt, parceiro de Alison em 2016 -. Com isso, a Paraíba volta a ter um representante defendendo as cores brasileiras na competição após 20 anos desde a medalha de prata conquistada por Zé Marco nos jogos de Sydney em 2000, agora com chances renovadas na briga pelo ouro olímpico pelas mãos de Alvinho.

Sobre um ano difícil e único na vida em sociedade, mas também para os atletas de todos os gêneros, o sonho olímpico, sua carreira e metas, Álvaro Filho bateu um papo com exclusividade para o Jornal A União falando da carreira, das parcerias, do CT do Cangaço e da evolução do vôlei de praia na Paraíba.

A Paraíba volta a ter um representante defendendo as cores brasileiras após 20 anos desde a medalha de prata conquistada por Zé Marco em 2000

Álvaro Filho preparado para Tóquio, de olho no ouro olímpico

O torcedor paraibano vive uma grande expectativa sobre a participação de Álvaro Filho nos Jogos Olímpicos de Tóquio para repetir o feito Zé Marco na Olimpíada de Sydney, em 2000



Foto: FIVB/Divulgação

A ENTREVISTA

O ano de 2020 para todos os esportes foi atípico em função da pandemia da Covid-19. Com o vôlei de praia não foi diferente. Como você encarou e vem encarando esse "novo normal", primeiro sem competições e depois com restrições para treinamentos e, posteriormente, com a volta das disputas, mas sem a presença do torcedor e com cuidados sanitários nunca antes vistos?

Nesse novo normal foi fundamental a equipe, pois eles souberam a hora da gente voltar e a hora de dar um tempo realmente e descansar um pouco mais o corpo e a mente. Sabíamos que a gente tinha grandes desafios pela frente e, nesse caso, eu devo o mérito de todo esse processo para eles, pois da minha parte o que havia era muita ansiedade para voltar a treinar.

O adiamento das Olimpíadas atrapalhou o planejamento traçado ou essa espera forçada para os jogos acabou trazendo uma oportunidade para que você e Alison pudessem ter mais tempo para amadurecer enquanto dupla?

O adiamento foi uma coisa necessária diante dessa situação que estamos vivendo e acredito que este ano Tóquio estará mais preparada para realizar o evento, assim como as pessoas. Acho que foi uma coisa interessante, e falando do nosso time, foi importante, pois pude ter mais um ano com Alison e a gente agora já está jogando o circuito brasileiro que felizmente retornou e com isso estamos tendo mais tempo para nos entrosar e isso será fundamental para o nosso time.



Ao lado do capixaba Alison, o paraibano vai em busca, este ano, de sua consagração maior no vôlei de praia na disputa dos Jogos Olímpicos de Tóquio

A Paraíba terá pela segunda vez um atleta de vôlei de praia representando o Brasil numa olimpíada, depois de Zé Marco com a prata em 2000, na Austrália, jogando ao lado do baiano radicado em João Pessoa, Ricardo. Está ansioso por esse momento, qual a sua expectativa para esse momento histórico?

Esse sentimento de ansiedade, essa ansiedade boa, ela precisa existir, é o que nos motiva e nos dá vontade de entrar em quadra. A vontade de representar a Paraíba e o nosso país é um sentimento que não tem expressão para explicar, ainda mais em uma olimpíada que é um evento de uma magnitude muito grande. Diante disso, o sentimento é muito bom, uma expectativa excelente para buscar um grande resultado e vivenciar toda essa atmosfera intensamente.

Você tem um currículo invejável e repleto de títulos dentro e fora do Brasil, sempre coroados com grandes atuações, premiações individuais dentro de uma constância técnica e física fora do comum. Qual a receita para estar sempre jogando em alto nível e buscar ano após

ano a superação de suas próprias metas e recordes?

Eu acho que não existe receita. A fórmula do campeão não se encontra em um shopping. Eu acredito que o atleta tem que a cada dia se conhecer mais. Os profissionais que trabalham com ele, seja o técnico, o preparador físico e toda a equipe, em geral, precisam conhecer o atleta bem, para que se possa tirar o melhor dele e você, estando nessa função de competidor, precisa também tirar o melhor de si mesmo para desempenhar sempre mais. Não há receita de bola, realmente é uma batalha diária que eu gosto muito e amo fazer. Nesse sentido, algo que eu posso dizer é que você tem que fazer o que ama, pois quando se faz dessa forma, se faz bem feito e não se torna um trabalho, mas sim algo que passa a ser realizado com prazer.

A Paraíba é uma

cia no vôlei de praia e não é de hoje, muito disso começou lá atrás, mas esse trabalho segue surtindo efeito também graças ao CT do Cangaço, como você avalia o trabalho desenvolvido no estado?

Falar do CT Cangaço é, de certa forma, falar de uma família que eu tenho. Mesmo não estando agora treinando com eles, lá tenho grandes amigos. O trabalho desenvolvido lá é espetacular, não apenas para a Paraíba, mas para o voleibol brasileiro. Essa é uma contribuição que não é só de agora que vem lá de trás, desde Zé Marco, dando essa contribuição muito forte para o voleibol do nosso país.

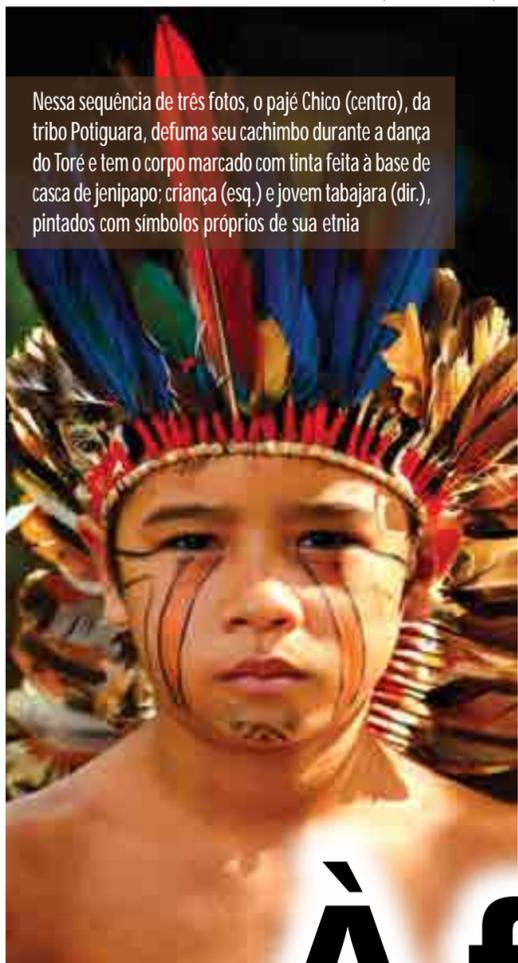
Após um 2020 que mudou a vida de todos nós, agora chega 2021, um ano onde você viverá um momento único na vida de todo atleta que é disputar uma olimpíada, quais são as metas para esta temporada?

A principal delas será buscar o ouro olímpico para o Brasil, nesse momento todo o trabalho feito é em prol desse objetivo máximo que é agora o nosso foco único. É para isso que a gente vive e treina todos os dias e espero concretizar esse sonho em Tóquio no próximo ano.

PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAÍBA
Avenida João Camilo da Silva, 221
ALTIPLEX José Olimpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altipiano Cabo Branco - CEP 58046-005
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3254-5999



Foto: Arcevo cacique Ednaldo Tabajara



Nessa sequência de três fotos, o pajé Chico (centro), da tribo Potiguara, defuma seu cachimbo durante a dança do Toré e tem o corpo marcado com tinta feita à base de casca de jenipapo; criança (esq.) e jovem tabajara (dir.), pintados com símbolos próprios de sua etnia

Foto: Lauro Padilha



Foto: Arcevo cacique Ednaldo Tabajara



À flor da pele

Pinturas corporais indígenas possuem diferentes significados e são práticas milenares de "pertencimento" entre os Tabajara e Potiguara

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

As pinturas no corpo são um traço da cultura indígena e fazem parte da identidade daqueles que ainda resistem em território paraibano, em especial dos povos Potiguara e Tabajara. Os desenhos traçados no corpo representam uma tradição milenar que existia antes mesmo da chegada dos invasores europeus em terras ameríndias, e fazem parte da identidade dos indígenas. Essas gravuras estampadas no corpo

/// É importante para nosso fortalecimento étnico, para perpetuar nossa cultura, fortalecer nossa espiritualidade e nosso processo de assistência ///

são aspectos da história e da cultura dessa etnia e significam diferentes estados psicológicos, expressando o

que se passa na alma. É uma questão de "pertencimento".

"Os desenhos representam elementos da natureza e proteção espiritual. A pintura corporal está relacionada com a espiritualidade dos indígenas Potiguara. É uma forma de renovar as energias e de se fortalecer espiritualmente. São aspectos de fortalecimento identitário da cultura potiguara", explicou Iranilza Cinésio Gomes Félix, que é potiguara e mestra em Ciências das Religiões.

Cada símbolo desenhado na pele não é uma mera

figura. Eles têm significados ou motivações. "As pinturas corporais potiguara são utilizadas em diferentes momentos pelo nosso povo. Em momentos de lutas, em momentos de comemorações e no nosso dia a dia, caso sintamos necessidade ou vontade de nos pintarmos. É importante para nosso fortalecimento étnico, para perpetuar nossa cultura, fortalecer nossa espiritualidade e nosso processo de assistência", ressaltou.

Em relação às imagens, Iranilza Félix relatou que

algumas são mais pintadas. A colmeia de abelhas, por exemplo, representa a coletividade e união do povo Potiguara. Outro desenho comum citado por ela é a folha da jurema, planta sagrada, como símbolo de espiritualidade. Também são pintados animais, entre eles, o guarapirã, pássaro nativo do território potiguara, e a salamanta, cobra utilizada como símbolo de sabedoria, força e defesa do território.

Os tabajara e os potiguara têm características próprias em relação às pin-

turas na pele. "As pinturas são parte fundamental da cultura potiguara e representam a ancestralidade de nosso povo. Elas acabam sendo bastante confundidas com tatuagens, mas para os potiguara possuem um significado de sagrado", declarou o capitão potiguara, José Ciriaco. Um dos momentos importantes para os potiguara, no qual a pintura é utilizada, é o ritual do Toré. "No Toré, as pinturas são usadas como parte das vestimentas para a dança", relatou.

+ Uma maneira peculiar de ser e estar com a natureza

Existe uma forte relação dos indígenas com a natureza, por serem pertencentes a um povo que tem essa maneira de ser e de estar no mundo. E é da natureza que os indígenas retiram a matéria-prima para confeccionar as tintas utilizadas na pintura do corpo. A casca de jenipapeiro, com a qual é produzida a tinta preta, e o fruto do urucum, de onde se extrai a tinta vermelha, são os únicos elementos que os potiguara utilizam para realizar pinturas corporais.

O preto e o vermelho, conforme explicou a mestra em Ciências das Religiões, Iranilza Félix, são as cores predominantes em todas as pinturas dos potiguara. Elas podem ser utilizadas em qualquer situação, porém, cada pintura é feita de acordo com a necessidade espiritual de cada momento.

As tintas, de acordo com ela, são extraídas de duas plantas: jenipapo verde, que é um fruto, e urucum verde, uma flor. Desta forma, não agridem o meio ambiente. "Existem várias formas de extrair a tinta do jenipapo, entre elas, ralando e colocando a polpa no fogo até o líquido ser liberado; ralando o jenipapo e

armazenando em sacolas plásticas e ficando embaixo da terra por um período de três dias e três noites", ensinou.

Entre as formas de extração da tinta de urucum, Iranilza Félix explicou que isso pode ser feito passando os dedos sobre as sementes da flor do urucum. Outro modo é diluindo as sementes numa pequena quantidade de água.

O cacique Ednaldo Tabajara reforçou que tudo da pintura indígena é retirado da mata. "Nos baseamos de acordo com a oca-

sião, para a luta, para a guerra, para a caça, para a dança. Cada povo indígena tem sua pintura específica. Os potiguara têm a deles e nós temos a nossa", observou. As cores, segundo ele, são sempre o urucum, do qual se retira o colorau, e o jenipapo, o preto. "Para retirar as tintas, trazemos os frutos, ramos, esprememos, misturamos um pouquinho de cachaça para dar a cor", afirmou. Entre os potiguara, os desenhos mais comuns são formas geométricas.

Foto: Arcevo cacique Ednaldo Tabajara



Foto: Lauro Padilha



Pintura Tabajara (esq.) e capitão Ciriaco (dir.), com rosto pintado no ritual do Toré dos potiguara

CULTURA RESISTE FRENTE AO CONTATO SECULAR COM O COLONIZADOR

Apesar de muitos costumes dos povos indígenas serem mantidos ao longo do tempo, como as pinturas no corpo e os rituais, a exemplo do Toré, é possível que alguns acabem se perdendo em razão da convivência cada vez mais próxima com o mundo dos não-indígenas, como receia o próprio povo nativo.

"Existe um risco muito grande. Se as lideranças não tiverem compromisso com a cultura, automaticamente, nossos costumes não acabam, mas ficam adormecidos. Então, nós, como lideranças, temos obrigação de reviver isso para que venhamos, de fato, mostrar uma identidade", observou o cacique Ednaldo Tabajara.

O capitão potiguara José Ciriaco concorda com a afirmação. "Acreditamos que existem dificuldades de manter e repassar nossa cultura adiante. Isso é bem difícil, mas de forma alguma podemos nos isolar da sociedade envolvente, pois temos que nos conectar e usar a nosso favor esse mundo globalizado que nos cerca", atendeu.

Iranilza Félix observou que cada indígena tem um jeito diferente de se conectar com a natureza e com os seres que nela habitam. "Mesmo os que não têm o contato frequente – aqueles que moram em áreas urbanas – continuam tendo uma ligação com a natureza e mantendo sua identidade étnica. Apesar do contato secular do colonizador com os povos indígenas, nossas raízes e nosso povo continuam existindo e resistindo", completou.

José Bezerra

O radialista que eternizou Serapião e Faustina

Hilton Gouvêa
 hiltongouvearaujo@gmail.com

O radialista José Bezerra de Lima se considerava um campinense da gema, por ter nascido na antiga rua do Poente (atual Índios Cariris), em Campina Grande, no dia 19 de março de 1921. Morreu na mesma cidade, aos 70 anos, em 31 de maio de 1991, vítima de um AVC, que lhe acometera em março do mesmo ano. Seus pais eram Manoel Bezerra de Lima e Severina Bezerra – ambos já falecidos. O homem que encantava os ouvintes da Rádio Borborema, com o seu original programa de alvorada caipira, intitulado “Bom Dia Nordeste”, iniciou a vida como caminhoneiro. Levava cargas de algodão de Campina para Cabedelo e depois para o restante do Brasil, enquanto, paralelamente, vivia seus personagens radiofônicos, batizados de Serapião e Faustina.

Um dos cinco filhos de Bezerra, Hermano José, escreveu diversas peças de teatro, foi professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), diretor do Teatro Municipal de Campina Grande e do Museu do Algodão, além de membro da Academia de Letras de Campina Grande. Maristela Bezerra, sua única filha, atuou como estilista das peças teatrais de Hermano José e escreveu um livro de contos familiares – autobiografia da própria família – intitulado *Minhas Histórias*.

Nos intervalos das longas viagens para o Rio, São Paulo e Bahia, Bezerra, que também era radiador, criou um programa de humor na Rádio Borborema, tornando populares os seus personagens Serapião e Faustina. Ele próprio ficou conhecido, muitos anos, pela alcunha artística de Serapião. “Meu pai era alegre e extrovertido, além de comunicativo ao extremo,” lembra Maristela, que ainda reside em Campina Grande.

Bezerra pertenceu ao Grupo de Teatro ‘Os Comediantes’, fundado na década de 1950, pelo europeu Raul Priston. Possuía um texto jornalístico considerado bom e desenvolvia vocabulário invejável, apesar de ter aprendido a ler sozinho.

Na adolescência, fez vários cursos avulsos, aperfeiçoando a sua escrita. Foi radialista e diretor comercial da Rádio Borborema. João Gonçalves, um de seus amigos, compôs a trilha musical de Bom Dia Nordeste, o maior programa radiofônico de Bezerra: “Bom dia Nordeste! Bom dia Brasil Nordeste, campeão em audiência nesse céu azul de anil! Zé Bezerra está às suas ordens, comandando o forrócampeão em audiência, simplesmente o melhor!”. Quando a família de Bezerra se reúne, todos cantam juntos em homenagem ao patriarca.

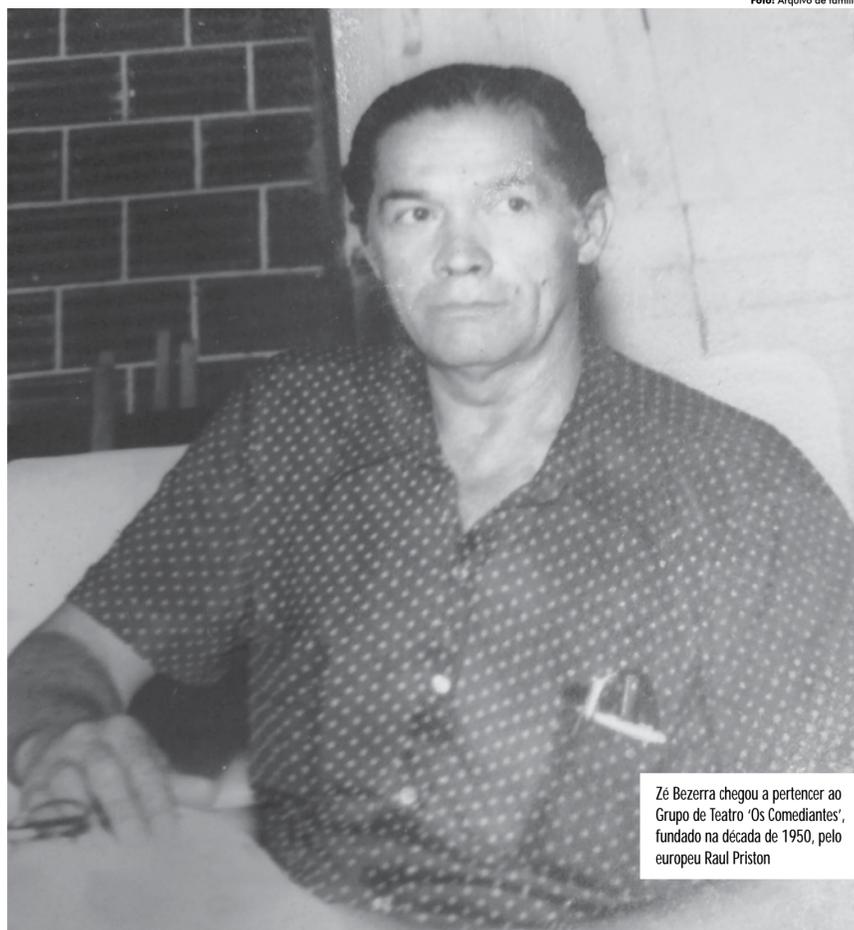


Foto: Arquivo de família

Zé Bezerra chegou a pertencer ao Grupo de Teatro ‘Os Comediantes’, fundado na década de 1950, pelo europeu Raul Priston

Personagens satíricos criados pelo comunicador surgiam durante transmissões radiofônicas, espontaneamente

Hilton Gouvêa
 hiltongouvearaujo@gmail.com

Maristela afirma que o maior legado de seu pai à radiofonia paraibana foi criar personagens satíricos, que surgiam espontaneamente durante as transmissões. Quando o Treze Futebol Clube (seu time da paixão), ganhava do Campinense, ele criava o chinêsinho, e levava ao ar uma música que cantava como o oriental assou um urubu pensando que era um galo: “Qui galo dulo, duploplussú, quanto mais cozinha, mais palecequi tá clu. O apelido do Treze é Galo da Borborema.”

Mesmo com o sarcasmo, os raposeiros torcedores do campinense achavam graça e nunca hostilizaram e no Maior São João do Zé Bezerra. Na radiofonia, também arranjava emprego para quem não tinha. Com seus ouvintes, ele mantinha o mesmo espírito de cordialidade que usava com

os amigos do Exército, que durante a Segunda Guerra Mundial ficaram de prontidão em Natal (RN), a qualquer hora, esperando um repentino embarque para a Itália. O embarque não aconteceu, pois as forças aliadas saíram vencedoras.

No coração de Zé Bezerra havia lugar especial para seu genro, José Vital Cordeiro. Juntos, eles promoviam caçadas às codornizes. Um dia, os dois encostaram as espingardas, trocaram ideias e pontos de vista, enfim chegaram a uma conclusão: dali em diante ninguém mais seria caçador, pois a natureza carecia de preservação. A memória do radialista é cultivada nos eventos familiares, no grupo de whatsapp ‘A Bezerrada’ e no Maior São João do Mundo, com seu nome gravado na Ilha do Zé Bezerra, onde um trio de forró toca músicas a noite inteira. É nome de rua no bairro de Bodocongó III.

guém mais seria caçador, pois a natureza carecia de preservação. A memória do radialista é cultivada nos eventos familiares, no grupo de whatsapp ‘A Bezerrada’ e no Maior São João do Mundo, com seu nome gravado na Ilha do Zé Bezerra, onde um trio de forró toca músicas a noite inteira. É nome de rua no bairro de Bodocongó III.

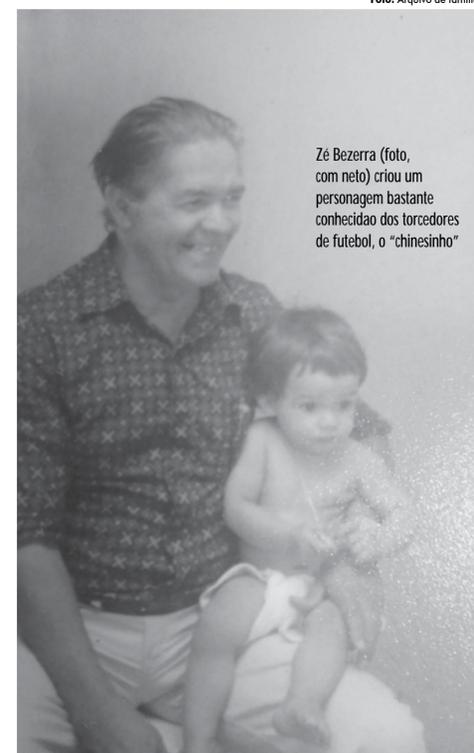


Foto: Arquivo de família

Zé Bezerra (foto, com neto) criou um personagem bastante conhecido dos torcedores de futebol, o “chinêsinho”

No elenco dos radioatores de Chateaubriand

De acordo com o jornalista, escritor e professor universitário Gilson Souto Maior, Zé Bezerra estava lá, em 8 de dezembro de 1949, quando a Rádio Borborema foi fundada. Pertencia ao elenco de radioatores de Assis Chateaubriand, o todo poderoso dono dos Diários e Emissoras Associadas. “Os grandes momentos desta emissora em Campina, que tinha seu auditório instalado no Edifício São Luís, foram vividos por Bezerra”, recorda Gilson.

Na produção humorística de Fernando Silveira – Serapião e Faustina – Bezerra contracenava com Iaiá Lucena, nome de destaque no radioteatro da Borborema, nos anos de 1950. Outros nomes engrossavam este elenco: Dinaldo Barreto e Rosil Cavalcanti.

Após brilhante (porém ligeira) passagem pela Rádio Cariri, Bezerra retorna aos Diários Associados. Foi gerir a diretoria comercial. Isto lhe conferiu razoável estabilidade financeira e a Rádio Borborema ganhou um novo status. Também voltou aos microfones.

No Programa Bom Dia Nordeste, já anunciava as manchetes do Diário da Borborema. Se o Treze saía numa dessas manchetes, como vencedor do Campinense, o terrível chinêsinho estava lá, no papel, com sua pronúncia dialética, a massacar a torcida raposeira. Quando o Campinense ganhava, os raposeiros ligavam, Zé não atendia, mas alguns espertos iam esperá-lo no famoso Cafazinho São Braz, para darem o troco. O Café São Braz fica no Calçadão de Campina, chamado de “O Quartel General do Boato”. Assim, Bezerra se tornou um dos nomes mais expressivos do rádio campinense.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Jornalismo ético: meu desejo para 2021 e sempre

Iniciei a última semana de 2020 - ano que tanto nos marcou - fazendo a releitura da poesia “Estatutos do Homem”, do poeta amazonense Thiago de Mello. Dedicado a Carlos Heitor Cony, o poema foi escrito em abril de 1964, em Santiago do Chile. Integra o livro *Faz Escuro Mas Eu Canto: Porque a Manhã Vai Chegar* (1965). São versos belíssimos e que deveriam enfeitar nossas paredes, como um quadro permanente a nos lembrar o que importa de fato em nosso cotidiano.

“Fica decretado que agora vale a verdade. / que agora vale a vida, / e que de mãos dadas, / trabalharemos todos pela vida verdadeira”, escreve Thiago de Mello, numa citação mais que atemporal, principalmente para nós, que vivemos tempos tão tortuosos de pandemia, negacionismo e fake news.

“Fica decretado que todos os dias da semana, / inclusive as terças-feiras mais cinzentas, / têm direito a converter-se em manhãs

de domingo”, canta o poeta. “Fica decretado que o dinheiro / não poderá nunca mais comprar / o sol das manhãs vindouras. / Expulso do grande baú do medo, o dinheiro se transformará em uma espada fraternal / para defender o direito de cantar / e a festa do dia que chegou”.

Abraço-me a Thiago de Mello nesta coluna porque não desejava iniciar o ano trazendo sentimentos pesados para os leitores. Ao mesmo tempo, não queria ignorar os males causados pelo jornalismo oportunista, seletivo, sensacionalista, preconceituoso, sem ética. Por isso também recorro ao teórico Patrick Lee Plaisance, autor que tão bem trata questões essenciais à lida jornalística na obra *Ética na comunicação – princípios para uma prática responsável*.

Citando o Código de Ética da *Society of Professional Journalists* (SPJ), na sigla em inglês), Plaisance nos lembra que a integridade profissional é a base da credibilidade de um jornalista. E cita alguns



Imagem: Pixabay

princípios da SPJ que considero imperativos para o fazer jornalístico:

- Buscar e relatar a verdade. Os jornalistas devem ser honestos, justos e corajosos ao coletar, relatar e interpretar as informações;
- Minimizar os danos. Os jornalistas éticos tratam as fontes, personagens e colegas como seres humanos dignos de respeito;
- Agir com independência. Os jornalistas não devem ter compromisso

com qualquer interesse além do direito do público a ser informado;

- Ser responsáveis. Os jornalistas são responsáveis com os leitores, ouvintes, espectadores e com os colegas de profissão.

No ano que passou, observamos o jornalismo profissional ser atacado, desrespeitado, vilipendiado. Enquanto isso, pseudojornalistas cresciam em todos os campos e cantos do Brasil, feito erva daninha em solo fértil. Ganharam força com supostas “boas intenções”, que na verdade não passavam de mau-caratismo. Omissões, distorções e mentiras viraram regra. Sim, foi um ano difícil.

Mas sempre haverá a poesia a nos salvar e inspirar.

Creio nisso. E acredito com a força dos versos de Thiago de Mello:

Fica decretado que os homens estão livres do jugo da mentira. Nunca mais será preciso usar a couraça do silêncio nem a armadura de palavras. O homem se sentará à mesa com seu olhar limpo porque a verdade passará a ser servida antes da sobremesa.

Feliz 2021! Feliz bom jornalismo para todos nós!

Dom Cardoso



IN MEMORIAM

Dom cardoso fala de música para os anjos

Hilton Gouvêa
 hiltongouvearaujo@gmail.com

O advogado José Alves Cardoso – o famoso Dom Cardoso – saiu desta dimensão para outra. E a mim foi confiada a nobre missão de fazer-lhe a despedida desta coluna, em nome de todos que o admiravam, por causa da sua ampla sapiência como pesquisador das trajetórias profissionais de atores cinematográficos, cantores, compositores, letristas, maestros e músicos que viraram celebridades. Tive o prazer de ser seu amigo durante longos 35 anos. E esta amizade, no plano terreno, apenas foi interrompida, temporariamente, já que, certamente, terá continuidade se o acaso nos reaproximar no âmbito do mundo etéreo. Por enquanto, ele está palestrando música para os anjos.

D. Cardoso iniciou sua vida como militar da Força Aérea Brasileira, em Fortaleza (CE), onde nasceu, no ano de 1947. Seu sotaque cearense nunca o abandonou. Chegou ao posto de Sargento, na FAB, sendo burocrata do serviço reservado deste órgão, durante o Regi-

me Militar que se implantou no Brasil após 1964. Nos arquivos da FAB ele era encarregado de organizar as fichas de artistas famosos. Daí a enciclopédia que formou, juntando as informações sobre origem, paternidade e músicas que levaram muitos ao sucesso, a quantia de discos gravados por cada um e históricos gerais sobre as respectivas conquistas profissionais.

Perfeccionista, ainda adquiriu, ao longo de sua existência septuagenária, 10 mil long-plays com sucessos de Ângela Maria, Roberto Carlos, Noel Rosa, Cauby Peixoto, Orlando Dias, Dalva de Oliveira, Jararaca e Ratinho, Fernando Lélys, Luís Vieira, Wanderley Cardoso, Isaurinha Garcia e outros nomes que brilharam nas ribaltas musicais. Descobriu o livro que falava do Clube das Chaves (RJ), uma sociedade privada de artistas, que se dava ao luxo de conceder uma chave a cada sócio, com direito a um reservado para beber, cantar, ensaiar músicas e até pedir as refeições pelo telefone.

Seu entusiasmo pelos estudos biográficos realçava de uma forma tal que, ao sentar na sua mesa predileta

da Livraria do Luiz, ninguém mais obtinha de volta a palavra, se Dom Cardoso resolvesse dissertar sobre a autoria de determinada música e porque a letra foi batizada com aquele nome. Dizia: “O nosso Ratinho, quando tocava seu sax nos salões nobres do Rio, os músicos veteranos da época paravam para ouvi-lo.” Janaina e Ricardo já sabiam os livros que deveriam reservar para ele, enquanto sorvia o seu indefinível Capuccino. Tinha o coração aberto para a música e o Direito. Pagava espórtulas advogando, algumas vezes, sem nada cobrar.

Certo dia ele surgiu na Livraria com sua coluna dominical de A União em mãos, abriu-a sobre o tempo de vidro da mesa e começou a explicar, à multiplateia, quem era Ratinho, o grande músico humorista de Itabaiana (PB), que se tornou famoso no Rio, e na América Latina, ao lado do parceiro Jararaca. Alguém interferiu na palestra e ele se calou. Oportunamente, o poeta Políbio Alves exclamou: “Deixem Dom Cardoso falar.” Nasceu, assim, em 2017, o apelido que ele usou como pseudônimo, até o dia de partir. Não dava bolas às provocações dos invejosos.

Piadista, torturava mentalmente meu amigo de infância, o respeitável músico, contador e advogado Mário Fernando Saraiva (in memoriam), com

a história de que Caetano, advogado e escritor, ia colocá-lo na lista de novas testemunhas do Crime da Bambu. Isto porque, Fernando, disse que ele e Zé Ramalho haviam chegado na Churrascaria Bambu, poucos minutos depois do assassinato do taxista Luís Delfino, um episódio que abalou os alicerces da opinião pública paraibana. Na outra dimensão, talvez Fernando e Dom Cardoso já tenham se encontrado, pois partiram quase que simultaneamente. Se assim for, São Pedro será o juiz da contenda.

Paciente como Jó, ele sabia suportar o arrojo de Irany Medeiros, que, vez por outra discordava de seus pontos de vista biográficos. Dom Cardoso podia ser considerado um monge budista de toga: também perdoava Douglas Muniz, o psicólogo, que se revelou um contestador de carteirinha, às vezes com alguma razão. Tirava o chapéu para meu irmão Milton Marques e Hildeberto, com ambos discutindo horas a fio sobre música, literatura e similares. Gostava bastante de escrever, mas exagerava. A título de adiantamento, enviava quatro colunas para o arquivo, quando apenas uma era necessária. Com sua característica polidez, Napoleão Ângelo ponderou: “Diga a ele, Gouvêa, que basta a coluna da semana, porque as outras podem se perder”.

MARMITANDO

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Imagem: Divulgação



O ano de 2021

Esse é um ano que todos esperam mudanças, vacina, crescimento, emprego, abertura de crédito, um Governo Federal que mostre para o que ele está no poder até agora. E não é isso que temos vivido no momento, pois estamos em uma fase de muita aflição, medo, insegurança, incerteza e falta de muitas coisas, entre as quais empregos.

Eu espero estar errado. Mas, pelo que venho acompanhando sobre o mercado,

acredito que vamos entrar no pior ano de todos. O ano de 2021 será uma verdadeira "odisseia" na Terra. E, em muitos países, já é uma época difícil, na qual muitos empreendimentos ainda não conseguiram fechar o mês com suas contas pagas e em dia – ou, pelo menos, a metade delas. A incerteza do amanhã tem tirado o sono e angustiado muitas pessoas.

Não é fácil ver pessoas que construíram uma história em seu negócio e hoje tudo foi por água a baixo, com uma pilha de boletos, débitos bancários, além da cobrança traba-

lhistia que virá. Fé é uma força que todo brasileiro já nasce e cresce com ela, vendo o dia a dia familiar como um exemplo. E isso não se apaga de uma hora para outra. Mas, apesar de tamanha fé, o que não está sendo vista é a solução, por causa do grande desespero de ter seu empreendimento aberto hoje e fechado depois, por mais um mês. Isso tem gerado um pânico generalizado.

Que possamos ter dias melhores em 2021. Fé já temos. Vamos esperar o que será de nós de hoje em diante. Feliz 2021 para todos.

QUENTINHAS

- Este chef que aqui escreve estará disponível para almoços e jantares realizados em sua residência, fazendo o trabalho de personal chef e, caso necessite, levar uma equipe para executar o trabalho de churrasco e eventos. Pode entrar em contato pelo direct do Instagram @waltinhoulysses ou pelo telefone 99620-0013.

- Quem estiver precisando de divulgação nas redes sociais para movimentar seu negócio do ramo de alimentação e hotelaria no geral, também pode entrar em contato comigo pelo mesmo direct do Instagram, ou pelo número de celular (já citados acima).

- Você já ouviu falar na Bodeguita Sertaneja? Se não, vou te dar essa super dica, até para você que está pensando em presentear alguém agora no Natal. Eles têm vários produtos do Sertão e podem preparar uma sacola, ou uma cesta natalina de produtos sertanejos de nossa região. Visita o Instagram deles: @bodeguitasertaneja.

- Fica ligado nas redes sociais do DoDia Supermercados, pois estarei trazendo receitas deliciosas toda semana, no seu canal do IGTV. Preparamos uma série de receitas só para as festas de final de ano. Visita e siga-os nas redes sociais, pelo Instagram é @dodia.jp.

PRATO DO DIA

Arroz cremoso de aratu

Ingredientes

- 1 kg de carne de aratu
- 1 cebola picada
- 1 pimentão picado
- 1/2 cabeça de alho picada
- 500g de arroz ponta de agulha
- Tempero cúrcuma
- Pimenta do reino a gosto
- Noz moscada
- 1 tablete de caldo de legumes
- 1 caixa de molho de tomate
- 100ml de vinho branco
- Sal a gosto
- Azeite
- 2 colheres de requeijão

Modo de preparo

Em uma panela grande e funda, coloque todos os ingredientes cortados para refogar. Em seguida, coloque a carne do aratu e os outros temperos secos. Acrescente o molho de tomate e o arroz e vá colocando a água aos poucos, com o caldo de legumes. Quando estiver pronto, acrescente o requeijão e já pode servir.



Foto: Divulgação

PITADAS A GOSTO

Aratu é um termo utilizado para se referir a diversos caranguejos da família Sesarmidae, mas costuma remeter mais especificamente ao Aratus pisonii, de carapaça quadrada e acinzentada, capaz de subir com habilidade nas árvores do mangue, onde se alimenta e se acasala. Tal espécie também é conhecida pelos nomes de aratuda-pedra, aratu-marinheiro, aratupeba, aratupinima, carapinha e marinheiro. Outra espécie muito conhecida é o aratu-vermelho. A pesca do aratu sempre foi uma atividade feminina: as mulheres da comunidade iam para o mangue pela manhã e cantavam canções tradicionais para atraírem os crustáceos em direção a uma armadilha (uma vara com um fio) e, depois, colocá-los em latas. As mulheres retornavam para o povoado à tarde para preparar o aratu e dividir com a família.

